

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	CÓDIGO DA FICHA					
	SE	01	02	12	F1-	08
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Baixo São Francisco Sergipano
LOCALIDADE	Antigo Urubu de Baixo
MUNICÍPIO / UF	Amparo do São Francisco, Canhoba, Nossa Senhora de Lourdes, Propriá e Telha/SE

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS					SE	01	02	12	F1-	08
--------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

2. RELAÇÃO DOS BENS

2.1. CELEBRAÇÕES

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Bom Jesus dos Navegantes do Antigo Urubu de Baixo			IDENTIFICADO		1
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1º domingo de fevereiro / Último domingo de Janeiro	LUGAR	Estuário do Rio São Francisco (Amparo do São Francisco, Santana do São Francisco, Propriá, Povoado Escurial em N. S. de Lourdes)		
DESCRIÇÃO	A Festa de Bom Jesus dos Navegantes tem sua origem registrada no Baixo São Francisco entre os fins do século XVIII e princípios do século XIX. Em Santana do São Francisco, se iniciou por volta da década de 1940. A manifestação surgiu a partir da necessidade da população ribeirinha, sobretudo os pescadores, de agradecer aos fenômenos naturais relacionados às cheias do Rio São Francisco, à abundância de peixes, à facilidade de navegar e a Deus. Apesar do tempo de existência da festa na região do Baixo São Francisco, em Amparo do São Francisco a primeira celebração ao santo protetor dos rios ocorreu em 2010. Não é necessariamente uma festa tradicional para este município. O público é conformado principalmente pelos fiéis católicos e pescadores/canoeiros, sobretudo as comunidades com modos de vida tradicionais. São muitos idosos e adultos, mas poucos jovens acompanham o trajeto do Bom Jesus, “protetor dos navegantes”. Os pescadores seguem em suas canoas, enquanto a congregação religiosa segue na barca maior atrás do andor onde fica a imagem. Pela manhã antes da procissão ocorre uma tradicional forma de expressão do Baixo São Francisco, a Corrida de Canoas. Atualmente, durante o dia festivo ocorre o Encontro Cultural com diversas apresentações realizadas em alguns pontos da cidade, como peças teatrais, rodas de capoeira e trios elétricos de músicas de massa para atrair o público jovem. Em Propriá, a celebração ao padroeiro do rio existe desde 1922. Assim como na maioria dos municípios sergipanos e alagoanos do Baixo São Francisco, a celebração tornou-se um importante bem cultural e conforma práticas tradicionais católicas na região. No entanto, a festa do Bom Jesus de Propriá tornou-se bastante conhecida pelos sergipanos que migram de outros municípios para saldá-la. Tem forte destaque na agenda cultural do Estado também pelo fato de Propriá ser uma cidade antiga de práticas tradicionais e foi um polo comercial e político de Sergipe. Mas, sobretudo, nesta cidade situa-se a Arquidiocese de Propriá, referência institucional da Igreja Católica do Baixo São Francisco. A programação religiosa ocorre com a procissão terrestre durante uma semana até o último domingo e tradicionalmente celebra-se uma programação diversificada nas ruas, na Catedral, em algumas capelas e em praças que possuem mastros onde são celebradas missas e solenidades. Assim nesta semana ocorrem as missas nos mastros da rua Quintino Bocaiúva, da Banca do Peixe, da Av. Prefeito Nelson Melo e da Rua da Poeira. No domingo último, a missa solene na Catedral Diocesana faz as últimas reverências ao Bom Jesus e a Orquestra de Propriá apresenta-se para dar início à procissão fluvial com trajeto entre Propriá e a ponte Propriá-Colégio, na BR-101, saindo de balsa da Orla da cidade. Lá há a saudação à estatua do santo católico erguida na entrada da cidade e acesso ao antigo Hotel Velho Chico. Antes a procissão era feita em Canoas de Tolda, mas com o tempo foi substituída por balsas maiores. Depois a barca retorna e navega até a cidade de Porto Real do Colégio a saudar o município alagoano. A balsa retoma as águas em direção à cidade sergipana e finaliza seu percurso para dar início à Missa Campal. Após a missa, há a procissão de devolução do Bom Jesus dos Navegantes à sua capela. O público é conformado principalmente pelos fiéis católicos e pescadores/canoeiros, sobretudo as comunidades com modos de vida tradicionais. São muitos idosos e adultos, mas poucos jovens acompanham o trajeto do Bom Jesus, “protetor dos navegantes”. Os pescadores seguem em suas canoas, enquanto a congregação religiosa segue na barca maior atrás do andor onde fica a imagem. Pela manhã, no dia festivo, e antes da procissão ocorre uma tradicional forma de expressão do Baixo São Francisco, a Corrida de Canoas, além do Encontro Cultural com diversas apresentações realizadas em alguns pontos da cidade, como peças teatrais, rodas de capoeira e trios elétricos de músicas de massa para atrair o público jovem. Tradicionais formas de expressão como Reisado, Chegança e Samba de Coco, os bailes e bandas de pífano que se apresentavam					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS					SE	01	02	12	F1-	08
--------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

	nesta celebração perderam lugar para este evento. No município de Nossa Senhora de Lourdes não ocorre há 8 anos, devido a uma decisão da paróquia local que alega falta de incentivo, segurança e apoio da população. Durante sua vigência era realizada no estuário do Rio São Francisco, no povoado Escurial e envolvia grande número de pessoas e de embarcações que acompanhavam a balsa com a imagem do santo protetor dos navegantes.									
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Festa de Bom Jesus dos Navegantes_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_05-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Bom Jesus dos Navegantes_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_05-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Bom Jesus dos Navegantes_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_05-02-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Bom Jesus dos Navegantes_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_05-02-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Bom Jesus dos Navegantes_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_05-02-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Bom Jesus dos Navegantes_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_05-02-2012_6.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Bom Jesus dos Navegantes_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_05-02-2012_7.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa do Bom Jesus dos Navegantes_Zambrana, Alejandro_Propriá-SE_01-01-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa do Bom Jesus dos Navegantes_Zambrana, Alejandro_Propriá-SE_01-01-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa do Bom Jesus dos Navegantes_Zambrana, Alejandro_Propriá-SE_01-01-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa do Bom Jesus dos Navegantes_webjornal.com_Propriá-SE_01-01-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa do Bom Jesus dos Navegantes_tribunadapraiaonline.com_Propriá-SE_01-01-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa do Bom Jesus dos Navegantes_falasergipe.bk2.com.br_Propriá-SE_01-01-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa do Bom Jesus dos Navegantes_cidadedepropriia.blogspot.com.br_Propriá-SE.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Antônio Walfran Braga Silva (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_21-06-2012_14m46s.wave					Nº103 A 109; 203 A 209; 504		Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Doralice Costa Ferreira; José Roberto Santos Menezes; Maurício Alexandre Alves de Souza; Antônio Walfran Braga Silva; José Alberto Amorim					Nº3; 12; 17; 29; 30		Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora do Amparo				IDENTIFICADO		2
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	2 de Fevereiro	LUGAR	Ruas e Igreja Matriz da cidade (sede Amparo do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	Principal festa da cidade de Amparo do São Francisco, a Festa de Nossa Senhora do Amparo ocorre ao longo de 10 dias, culminando com a celebração no dia 2 de Fevereiro em homenagem a Maria, mãe de Jesus. Segundo se crê: <i>“Maria tem esse título porque ela é a mãe que nos ampara”</i> . Após o novenário, a celebração se desenvolve com a alvorada festiva, a procissão pelas ruas da cidade, a missa na Praça Matriz em homenagem à santa e os batizados. No dia seguinte acontece um Baile no Clube Municipal em que os moradores e fiéis à santa confraternizam-se terminando então a festa católica. Para cada dia de procissão, há uma temática em que a população se envolve em vias específicas. Por exemplo: noite das crianças, jovens, motoristas, pescadores, viúvas, casais, terço da Misericórdia, Coração de Jesus etc., contemplando algumas camadas da população. O público católico participa ativamente da procissão, sendo conformato principalmente por um público de idosos e adultos. Apesar de marcarem presença, os jovens pouco participam, o que demonstra certa mudança na vida cultural e costumes religiosos.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Doralice Costa Ferreira				Nº3	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Terço das Almas				IDENTIFICADO		3
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Quaresma	LUGAR	Ruas da sede e povoados (Amparo do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	O Terço das Almas é uma celebração religiosa realizada anualmente na cidade de Amparo de São Francisco, sempre às 21:00 de todas as segundas, quartas e sextas do período da quaresma. Consiste em uma procissão organizada pelos devotos da comunidade para homenagear os seus parentes mortos. É amplamente frequentada por pessoas de diferentes faixas etárias. Inicialmente uma celebração de caráter masculino, atualmente o Terço das Almas não possui distinção de sexo, sendo, inclusive, mais frequentes as mulheres. O itinerário realizado pela procissão é sempre o mesmo em todos os dias da celebração. Os fiéis partem da Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo e percorrem as ruas Deputado Martinho Guimarães e Sebastião Figueiredo para atingir o cemitério. Nesse local, eles realizam orações e cânticos de louvor em memória dos integrantes da comunidade já falecidos e fazem pedidos para que os seus pecados sejam perdoados. Geralmente, cada pessoa participante proclama orações para os seus respectivos entes mortos, sendo um por vez. Com isso, o tempo de duração da procissão varia ao longo dos dias, ficando proporcionalmente vinculado com o número de fiéis presentes em cada noite. Após as preces serem realizadas, os fiéis retornam em procissão pela Rua João da Cruz, até alcançar a Praça da Independência, onde está localizada a Igreja Matriz. Durante o percurso, também são entoados hinos de louvor. A celebração possui como vestuário específico um lençol branco trajado por cada um dos participantes encobrendo todo o corpo, inclusive a cabeça. São feitos furos no lençol para que apenas os olhos fiquem expostos. Também é usual alguns fiéis carregarem velas e matracas. Apesar de configurar um evento religioso, o Terço das Almas não se caracteriza como uma celebração oficial da igreja, sendo assumida como uma forma de devoção espontânea da população. Portanto, não necessita contar com a presença de um padre ou qualquer outra autoridade eclesiástica para presidi-la.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Doralice Costa Ferreira; Analice Alves da Silva Dórea				Nº3 E 4	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Santo Cruzeiro				IDENTIFICADO		4
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	3 a 7 de Junho	LUGAR	Praça da Igreja de Bom Jesus dos Pobres – (Sede Canhoba)			
DESCRIÇÃO	“A história do Santo Cruzeiro com a população canhobense vem desde 1910, quando Canhoba ainda era um pequeno povoado da cidade de Propriá, cujo Antônio Ferreira de Carvalho – Antônio Caxeiro - era o proprietário. Destaca-se entre as principais comemorações do município”. (Fonte: http://canhobasergeioficial2.blogspot.com.br/2012/07/santo-cruzeiro-99-anos-de-fe-e-missoes.html. Acesso em 25 de Fevereiro de 2013.) A festa em homenagem ao Santo Cruzeiro acontece há 102 anos e originou-se com uma santa missão organizada pelos freis Rocha e Natanael que solicitaram que fosse fincado como símbolo da missão um madeiro na praça da Igreja de Bom Jesus dos Pobres. Para isso, alguns fiéis saíram à procura de uma árvore com tamanho ideal para fazer a cruz que teve acabamento de 8 metros de altura. “No dia 07 de junho de 1910, foi erguido na praça central de Canhoba o Santo Cruzeiro. Ao partirem os missionários falaram: ‘deixaremos aqui o missionário mudo que não fala, mas sabe ouvir as preces dos fiéis’. Em 1911, começou o primeiro aniversário do Santo Cruzeiro com zabumba, foguetes, espadas e cruzeiro de vista”. (Fonte: http://canhobasergeioficial2.blogspot.com.br/2012/07/santo-cruzeiro-99-anos-de-fe-e-missoes.html. Acesso em 25 de Fevereiro de 2013.) Após 50 anos fixo, em 1960, numa tarde de tempestade o cruzeiro caiu e quebrou. Um novo cruzeiro de concreto foi erguido e fixo à praça, mas nesta mesma época a cruz de madeira foi adaptada para a procissão, sendo carregada pelos fiéis católicos. Diz-se que alguns pedaços da madeira foram apropriados pelos fiéis para fazer remédios medicinais e outros foram levados ao cemitério. “Desde então, todo ano no dia 03 de junho, dia em que começa os festejos, a população em procissão, juntamente com os zabumbeiros, levam o Santo Cruzeiro de madeira aos pés do atual, e este só retorna à Igreja no dia 07 de junho, novamente em procissão com os zabumbeiros”. (Fonte: http://canhobasergeioficial2.blogspot.com.br/2012/07/santo-cruzeiro-99-anos-de-fe-e-missoes.html. Acesso em 25 de Fevereiro de 2013.) As manifestações religiosas são em maior parte cristãs e o Santo Cruzeiro é considerado como maior símbolo da fé do povo de Canhoba, com a tradição festiva passada de geração em geração. Ocorre por 5 dias, encerrando-se com a procissão no dia 7 de junho. Em todos os dias são feitas homenagens com as queimas de fogos sobre a própria cruz e mantém-se uma tradição junina, conhecida em todo o Estado de Sergipe, chamada de corrida de Barco de Fogo e as guerras de espadas. Após a procissão acontece a festa social com bandas e artistas conhecidos nacional ou localmente.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Festa do Santo Cruzeiro_Matos, Weverton Canhoba-SE 07-06-2012.jpeg				Nº147	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira				Nº9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Procissão do Padroeiro Bom Jesus dos Pobres				IDENTIFICADO		5
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	18 de Fevereiro	LUGAR	Sede (Canhoba)			
DESCRIÇÃO	A Procissão do Padroeiro Bom Jesus dos Pobres é realizada no dia 18 de fevereiro de cada ano, antecedendo a festa do Santo Cruzeiro. Consiste em uma tradicional celebração da cidade de Canhoba, a qual é realizada a mais de 70 anos. A procissão tem início na Igreja Matriz Bom Senhor dos Pobres, sempre no período da tarde, e percorre quase toda a extensão da principal rua da cidade, retornando, ao final, ao ponto de partida. Segundo Simão Evangelista Ferreira, morador que participa do evento, todo esse processo dura, aproximadamente, duas horas. Durante o trajeto, os fiéis entoam hinos de louvor e orações que são introduzidos pelos próprios participantes. Na procissão, as imagens de Bom Jesus dos Pobres, padroeiro da comunidade, e de Nossa Senhora da Conceição são carregadas em andores pelos fiéis, que se revezam nesta atividade. Não há vestuário ou vestimenta específica vinculada à atividade. A procissão conta com ampla participação dos moradores locais, sendo frequentada inclusive pelas gerações mais novas. Também atrai fiéis de cidades próximas, contribuindo para a divulgação e preservação da atividade. Mesmo sendo o padroeiro de Canhoba, a homenagem ao “Bom Jesus dos Pobres” não é considerada a principal comemoração do município.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Procissão ao Bom Jesus dos Pobres_canhobasergipeoficial2.blogspot.com.br_Canhoba-SE_20-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Procissão ao Bom Jesus dos Pobres_canhobasergipeoficial2.blogspot.com.br_Canhoba-SE_20-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Procissão ao Bom Jesus dos Pobres_canhobasergipeoficial2.blogspot.com.br_Canhoba-SE_20-02-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Procissão ao Bom Jesus dos Pobres_canhobasergipeoficial2.blogspot.com.br_Canhoba-SE_20-02-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Procissão ao Bom Jesus dos Pobres_canhobasergipeoficial2.blogspot.com.br_Canhoba-SE_20-02-2012_5.jpeg				Nº142 A 146		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira				Nº9		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora de Lourdes			IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		6
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	02 a 11 de fevereiro	LUGAR	Paróquia e ruas da cidade – Sede (N. S. de Lourdes)		
DESCRIÇÃO	Considerada uma das cidades de maior representatividade católica do Baixo São Francisco, Nossa Senhora de Lourdes tem padroeira de mesmo nome e recebe peregrinos de vários municípios do Estado de Sergipe e até de Alagoas. A festa em louvor à santa é uma tradicional celebração da cidade que ocorre todos os anos entre os dias 02 e 11 de fevereiro. É composta de um novenário realizado em todas as noites do período, na Igreja Matriz. A cada noite, a celebração é orientada por um grupo específico da comunidade, tais como grupos de orações e grupos de jovens, que desenvolvem cantos, louvores e orações. No último dia da celebração, as atividades iniciam-se pela manhã com a celebração de uma missa solene na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Lourdes. No período da tarde, há uma procissão que se inicia às 16h00 e que se estende até às 17h30. Os fiéis partem da Matriz e percorrem a maior parte das ruas do município, retornando, posteriormente, ao ponto de partida. Em seguida, é realizada uma missa campal em frente à Igreja com duração de, aproximadamente, uma hora e meia. Esta recebe um grande número de paroquianos e também visitantes de cidades vizinhas. Ao final da missa, bandas de música com temáticas religiosas costumam se apresentar no mesmo local, entretendo os fiéis das mais diversas gerações. Em alguns anos também acontecem apresentações de grupos folclóricos e tradicionais formados no próprio município. A Festa de Nossa Senhora de Lourdes é organizada pela paróquia local, a qual se responsabiliza por arcar financeiramente com o evento. Para angariar os recursos necessários, ela desenvolve, juntamente com a comunidade, uma série de atividades, tais como leilões e bazares.					
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Festa de Nossa Senhora de Lourdes_bloglourdense.blogspot.com.br_11-02-2011_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Nossa Senhora de Lourdes_bloglourdense.blogspot.com.br_11-02-2011_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Nossa Senhora de Lourdes_bloglourdense.blogspot.com.br_11-02-2011_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Festa de Nossa Senhora de Lourdes_bloglourdense.blogspot.com.br_11-02-2011_4.jpeg			Nº185 A 188	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maurício Alexandre Alves de Souza			Nº17	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro				IDENTIFICADO		7	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	6 a 15 de Agosto	LUGAR	Sede (Telha)				
DESCRIÇÃO	Principal festa da cidade de Telha, a Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tem início no dia 6 de Agosto e vai até o dia 15. Para cada dia de procissão, há uma temática em que a população se envolve em vias específicas. Estes temas conferem homenagem aos cidadãos. Por exemplo: noite das crianças, jovens, motoristas, pescadores, viúvas, casais, terço da Misericórdia, Coração de Jesus e a noite das Comunidades quando há o encontro dos padroeiros dos povoados São Pedro, Tiago e Conceição, contemplando algumas camadas da população. Após o novenário, o dia 15 de agosto começa com alvorada festiva, missa em homenagem à santa e batizados. Às 16 horas, os romeiros conduzem a procissão percorrendo as principais ruas e retornando à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. O público católico participa ativamente das procissões e missas, sendo conformato principalmente por um público de idosos e adultos. Apesar de marcarem presença, os jovens pouco participam, o que demonstra certa mudança na vida cultural e costumes religiosos.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Imagem em Gesso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro_Souza, Eder_Telha-SE_18-06-2012.jpeg				Nº192	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Maria Dias da Mota ("Maria de Cláudio")				Nº20	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Festa do Padroeiro Santo Antônio				IDENTIFICADO		8	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual / de 1º a 13º de Junho	LUGAR	Catedral e ruas da cidade (Propriá)				
DESCRIÇÃO	A Festa do Padroeiro Santo Antônio considerada a mais tradicional celebração do município de Propriá. Tanto que os festejos juninos ocorrem em consonância com o trezenário, sendo realizado o tradicional "Forró do Comércio". A Festa do Padroeiro Santo Antônio tem início 13 dias antes do dia festivo, em 1º de Junho, antecipando os dias para a homenagem ao padroeiro. Em cada dia de procissão há uma temática em que a população se envolve em ruas específicas da cidade. Estes temas conferem homenagem aos cidadãos. Por exemplo: noite das crianças, jovens, motoristas, viúvas, casais, terço da misericórdia, Coração de Jesus etc. Durante todos os dias de procissão, há o café da manhã servido às 6h da manhã em uma das vias, contemplando toda a população. No dia de Santo Antônio, 13 de junho, há ainda batizados e a missa em homenagem e bênção ao padroeiro e depois sai o cortejo, predominantemente de branco, que carrega a imagem num andor. A rua de Santo Antônio torna-se no dia 13 o principal local de celebração. Após a trezena, ocorrem apresentações de quadrilhas, reisado e pastoril na Praça de Eventos.							
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Antônio Walfran Braga Silva; José Alberto Amorim				Nº29; 30	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Semana Cultural de Propriá				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		9
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Última semana de janeiro	LUGAR	Diversos locais (Propriá)			
DESCRIÇÃO	A Semana Cultural de Propriá consiste em um conjunto de ações e solenidades organizadas há vinte e seis anos com o objetivo de divulgar e preservar as tradições folclóricas e culturais da cidade. É tradicionalmente realizada entre terça e domingo, sempre na última semana do mês de janeiro. A participação da população local é expressiva em todos os eventos, atraindo todas as gerações. Também é grande o número de participantes de fora da cidade, de modo que, durante esta semana, a população do município chega a duplicar. Durante a semana, diversos grupos são convidados para realizar apresentações folclóricas e de culturas tradicionais, tais como apresentações de dança, “cangaceiro”, pastoreio, capoeira, candomblé, dentre outros. A maior parte desses grupos são formados por integrantes da própria comunidade, apesar de alguns virem de outras cidades. Tais apresentações são muito importantes para a conservação e afirmação das tradições dos grupos de comunidades minoritárias, como os quilombolas, tendo em vista que suas culturas foram, por muito tempo, reprimidas ou discriminadas. As apresentações são realizadas em diversos pontos da cidade, principalmente em praças ou logradouros públicos, e de preferência no final da tarde e início da noite. Os shows musicais que são promovidos durante a semana também recebem grande apreciação dos moradores de Propriá. Costumam ocorrer durante a noite, no palco montado especialmente para o evento, o qual é usualmente instalado próximo ao Mirante do Rio São Francisco. Os shows priorizam as músicas e ritmos tradicionais da região, tais como o forró, o xaxado e o baião. Há grande participação popular, principalmente das gerações mais novas. Também ganham destaque na programação os fóruns de debate com temáticas relacionadas à cultura, nos quais participam especialistas, estudiosos no assunto, políticos, professores universitários e agentes culturais locais, além da própria população comum. Tais debates transcorrem, em geral, em dois ou três dias e contribuem positivamente para a conscientização da comunidade acerca da importância de se preservar a memória e a atividade cultural da cidade. Algumas atrações são vistas apenas durante a Semana Cultural, como o concurso de recitação de poesia que acontece no anfiteatro da cidade. Outro evento distintivo é a corrida de barcos a vela no Rio São Francisco, embarcações usadas no cotidiano dos pescadores locais. A disputa conta com premiação para os vencedores e é bastante prestigiada. A Semana Cultural é organizada pela Prefeitura de Propriá através da Secretaria de Cultura, a qual é responsável pelo custeio e pela programação de todas as atividades. Conta com o apoio e patrocínio de universidade e organizações não governamentais da região.						
Registros	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
Contatos	José Alberto Amorim				Nº29; 30	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.2. EDIFICAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo				IDENTIFICADO		10
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Século XIX	LUGAR	Sede do município (Amparo do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo foi edificada ainda no século XIX por João da Cruz Freire na Fazenda Campinhos, uma grande propriedade situada nos domínios da então vila de Propriá, hoje Amparo do São Francisco. Segundo Doralice Costa Ferreira, as terras que ele havia adquirido eram muitos férteis e assim ele considerou o local como seu amparo. Alguns anos após João da Cruz Freire fixar-se no local, um de seus trabalhadores descobre uma pequena capela coberta por ramagens de melãozinho-de-são-caetano, onde estava abrigada a imagem de uma santa. No local da descoberta da santa foi erguida a Igreja e este período demarca importantes mudanças no local principalmente com o crescimento da povoação. Surge então a devoção a Nossa Senhora do Amparo e assim a primeira capela, construída por escravos, leva o nome da santa. Atualmente a igreja passa por reformas de ampliação e melhoria da estrutura. A obra encontra-se em andamento com tijolos cerâmicos e estrutura de concreto ainda expostos e vãos sem esquadrias.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Adro da Igreja Matriz_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Imagem de Jornal da Igreja Matriz_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Imagem de Jornal da Santa N. S. Ampro_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012.jpeg				Nº-100 A 102	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Doralice Costa Ferreira				Nº3	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus dos Pobres de Canhoba				IDENTIFICADO		11	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fundação do município – Atual	LUGAR	Praça da Matriz - Sede (Canhoba)				
DESCRIÇÃO	A edificação da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus dos Pobres, em Canhoba, foi iniciada em 1889 por Manoel Paez. Após passar um período na Amazônia com outros freis, Paez foi picado pelo mosquito Aedes aegypti, mas sobreviveu, sendo que neste entretanto ele fez uma promessa que se não morresse voltaria à sua terra e, pedindo esmolas, (somente com esmolas), ergueria uma igreja sob a invocação do Senhor dos Pobres. Acredita-se que Manoel Paez, milagrosamente não morreu. Isto fez com que voltasse a Canhoba, onde saiu pedindo esmolas e, com o produto delas, iniciou a construção da Igreja. Assim, foi reinaugurada como capela matriz, em 18 de fevereiro de 1939. (Fonte: http://eronidesdecarvalho.blogspot.com.br/2009_05_01_archive.html. Acesso em 25 de Maio de 2013.) A Igreja possui dimensões pequenas, mas a torre central proporciona grande destaque à edificação devido a sua altura. A fachada é simétrica, com uma porta no centro e duas janelas ao lado. Os vãos são emoldurados em massa e possuem vergas retas, com a moldura se prolongando para além da verga, com o formato de arco ogival. O coroamento é por platibanda e pináculos enfeitam os vértices das alvenarias na fachada frontal e torre sineira.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja Senhor Bom Jesus dos Pobres_Souza, Eder_Canhoba-SE_10-02-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja Senhor Bom Jesus dos Pobres_Souza, Eder_Canhoba-SE_21-06-2012.jpeg				Nº139 E140	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira				Nº9	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Capela de Nossa Senhora da Conceição de Canhoba				IDENTIFICADO		12	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fundação do município – Atual	LUGAR	Praça da Prefeitura – Sede (Canhoba)				
DESCRIÇÃO	Erguida no século XIX, a Capela de Nossa Senhora da Conceição foi a primeira igreja do município de Canhoba. Após sua construção, seus habitantes decidiram mudar o nome do até então povoado, sendo aceita pela maioria a denominação de Canhoba, ligada aos terrenos férteis existentes na região quando cultivados pelos primeiros habitantes índios. Seus usos atuais são algumas missas e batizados. Possui bom estado de conservação interno e externo. Embora seja o primeiro templo erguido de Canhoba, não é a mais referenciada para os fiéis católicos do município. A fachada frontal possui coroamento em frontão triangular com pináculos nos vértices. O pináculo central é maior e encimado por um crucifixo. Sob o coroamento encontra-se uma fileira de três janelas com verga em arco pleno, as duas das extremidades recebem um sino cada. Abaixo, há três portas de acesso, a do meio se diferencia das demais por possuir verga em arco pleno.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Capela Nossa Senhora da Conceição_Souza, Eder_Canhoba-SE_10-02-2012.jpeg				Nº141	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira				Nº9	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Sobrado de Borda da Mata				IDENTIFICADO		13
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1960	LUGAR	Povoado Borda da Mata – margem do rio (Canhoba)			
DESCRIÇÃO	O Sobrado localiza-se no povoado de Borda da Mata, em Canhoba, há aproximadamente vinte metros das margens do Rio São Francisco. Encontra-se em avançado estado de arruinamento, com ausência de diversos elementos construtivos, tais como a cobertura e as esquadrias de vedação dos vãos. As alvenarias estão todas de pé, apesar de exibirem pontos de perda do substrato e de descolamento do revestimento. O acesso e o entorno estão obstruídos por vegetação agreste que mostra crescimento excessivo. Construído em 1960 pelo ex-governador de Sergipe, Sr. Eronides Ferreira de Carvalho, para servir como casa de veraneio. O seu construtor nasceu no próprio povoado de Borda da Mata em 25 de abril de 1897, onde passou toda a sua infância. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 20 de dezembro de 1917. Foi governador de Sergipe entre 1935 e 1941, período em que mantinha estreito relacionamento com Getúlio Vargas. Seu governo foi caracterizado pela forte repressão aos grupos organizados e à imprensa. Não chegou a concluir seu mandato uma vez que foi destituído pela oposição. Posteriormente fixou residência no Rio de Janeiro, onde foi nomeado Juiz do Tribunal de Segurança Nacional e, em 1944, Tabelião do 14º Ofício de Notas. Eronides faleceu aos 73 anos, em 18 de Março de 1969, no Rio de Janeiro, onde está sepultado. Após sua morte, o sobrado foi herdado por sua filha, Sra. Martha de Carvalho. O sobrado possui arquitetura imponente, com planta extensa e muitos cômodos. Está implantado diretamente sobre o solo e possui apenas um pavimento. É estruturado por paredes de alvenaria de tijolos maciços. Apresenta uma varanda entalada na fachada frontal que é delimitada por uma arcata. É ainda muito lembrado pelos moradores e tido como um dos imóveis referenciais para o povoado. Há aproximadamente 26 anos, o terreno onde se localiza o sobrado foi ocupado por um grupo de sem terra, levando à pilhagem dos seus elementos construtivos. A situação foi parar na justiça, que concedeu direito de causa aos ocupantes. Segundo o blog “Tok de História”, <http://tokdehistoria.wordpress.com>, atualmente o sobrado pertence à paróquia local que pretende instalar no local um serviço de apoio aos assentados. (Fonte: http://tokdehistoria.wordpress.com/2011/08/06/canhoba-em-sergipe-e-rota-do-cangaco-os-carvalhos-lampiao-e-o-estado-menor/. Acesso em 20 de Maio de 2013.)						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Ruína de Sobrado no Povoado Borda da Mata_Andrade, Elza_Canhoba-SE_21-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Ruína de Sobrado no Povoado Borda da Mata_tokdehistoria.files.wordpress.com_Canhoba-SE_08-2011.jpeg				Nº137 E138	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira				Nº9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja Matriz da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes				IDENTIFICADO		14
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Fundada em 1966 – atual	LUGAR	Sede do município (N. S. de Lourdes)			
DESCRIÇÃO	A Igreja Matriz da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes foi fundada em 1966, três anos após a emancipação política do município de Nossa Senhora de Lourdes, que pertencia a Canhoba. Sua construção precede de uma pequena estória que legitima a fé na santa e a necessidade de tornar a primeira capela do município em sua Matriz. <i>“Em 1958, Tarcísio Gonzaga de Matos, pagando uma promessa a Santo Antônio, solicitou no Rio de Janeiro uma imagem dele. Mas, na hora da embalagem, em vez de mandarem Santo Antônio mandaram a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, ficando invalidado seu pagamento de promessa. Na época, o padre Fernando Graça Leite, combinando com Tarcísio, não a devolveu, fechando a embalagem e deixando-a para ser utilizada quando a capela se tornasse matriz. Em 30 de abril de 1960, foi criada a Diocese de Própria. O monsenhor José Curvelo Soares deixou a paróquia e, antes de ir para Itabaiana, permaneceu por oito meses na paróquia de Gararu. Durante esse tempo, decidiu abrir a embalagem da imagem e ao vê-la teria dito: Ela está clamando por uma nova igreja”.</i> (Fonte: http://www.municipiosdesergipe.com.br/nslourdes.htm. Acesso em: 19 de Junho de 2012.) O templo está elevado em relação ao terreno, seu acesso é feito por meio de escadaria frontal. A porta de entrada se encontra em uma reentrância da fachada, encimada por um volume que se projeta para fora. Neste volume estão presentes dois vãos em forma de cruz e um crucifixo em cima. Há ainda na fachada duas janelas iguais, com verga reta. O coroamento é feito em beiral acabado por laje. Seus usos atuais concernem à procissão e usos sociais católicos como batizados, casamentos etc. Encontra-se em bom estado de conservação, interna e externamente. Tem forte significado simbólico para a população católica.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja Matriz e imagem Nossa Senhora de Lourdes_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_10-02-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Santuário Eucarístico Nossa Senhora de Lourdes_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_10-02-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Praça Paulo Barbosa_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_10-02-2012.jpeg				Nº181 A 183	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Roberto Santos Menezes; Maurício Alexandre Alves de Souza				Nº12, 17	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Telha				IDENTIFICADO		15	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Fazenda dos "Henriques" (Telha)				
DESCRIÇÃO	Trata-se de um templo erguido no município de Telha em uma propriedade particular, denominada de Igreja de N. Sra. da Conceição e frequentada por moradores das redondezas. É referida pelos moradores como a fazenda dos "Henriques", um dos primeiros núcleos de povoação local. Maria Dias da Mota informa ainda que tal construção data de aproximadamente 150 anos, tendo deixado de sediar liturgias católicas há exatos 40 anos. Quanto aos detalhes arquitetônicos, apresenta estilo barroco, em sua simplicidade na parte externa, unida à riqueza dos detalhes na parte interna, a qual é referida pela entrevistada como composta por detalhes que lembram ouro, além de algumas pinturas. Mesmo com a edificação da igreja matriz, a Igreja de N. Sra. da Conceição continuou sediando ritos católicos, tendo deixado de ser frequentada por ocasião de sua estrutura física ter passado a representar riscos a seus frequentadores. No entanto, ficou clara a partir da fala da entrevistada a importância simbólica exercida pelo templo junto a memória coletiva dos habitantes do município, isso porque, enquanto este ainda era povoado de Propriá, era na igreja referida que aconteciam os principais acontecimentos da vida religiosa e social local. Atualmente, o bem se encontra completamente abandonado, porém, ainda recebe a visita de fiéis por ocasião de uma missa anual em celebração à santa padroeira da edificação.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja em Ruína_Souza, Eder_Telha-SE_09-02-2012.jpeg				Nº189	Cf. Anexo 2		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	Maria Dias da Mota ("Maria de Cláudio")	Nº20	Cf. Anexo 4
-----------------	---	-------------	-------------

DENOMINAÇÃO	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Telha				IDENTIFICADO		16
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Annual	LUGAR	Sede (Telha)			
DESCRIÇÃO	Construída no início da década de 1960 após a emancipação política de Telha, antes pertencente a Propriá. A Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro hoje agrega os usos sociais religiosos do município, como procissões, festas de casamento, batizados etc. Ao seu lado existe uma pequena gruta em homenagem à santa padroeira do município. A fachada da Igreja é simétrica com uma torre sineira no eixo de simetria. Os vãos possuem verga em arco abatido. As portas são constituídas por duas folhas cegas de abrir, feitas de madeira almofadada. Os cunhais e pilastras são marcados na fachada e encimados por pináculos. O acesso ao templo é feito por meio de escadaria frontal.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja Matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro_Souza, Eder_Telha-SE_09-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Gruta e Igreja Matriz Nossa Senhora do Perpétuo Socorro_Souza, Eder_Telha-SE_09-02-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Sede do município_Souza, Eder_Telha-SE_18-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Sede do município_Souza, Eder_Telha-SE_18-06-2012_2.jpeg				Nº190, 191,193, 194		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Maria Dias da Mota ("Maria de Cláudio")				Nº20		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Catedral Diocesana de Propriá				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		17
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede (Propriá)			
DESCRIÇÃO	Segundo José Jussier Ferreira, a Catedral Diocesana de Propriá demarca a origem da cidade: <i>"Nos reportamos ao início do século XVII quando os padres da Companhia de Jesus fundaram uma missão tendo por objetivo a catequese dos índios, chefiados pelo cacique Pacatuba, que habitavam a margem das lagoas próximas ao morro chamado 'Urubu'. Algum tempo depois, surgiu um núcleo populacional um pouco adiante da missão, recebendo primitivamente a denominação de Urubu de Baixo, origem primeira da cidade de Propriá. Chegaram os Franciscanos, ainda no século XVII, devotos de Santo Antônio e construíram uma pequena capela próxima ao morro do Urubu"</i> (Fonte: http://fabianepro.blogspot.com.br/2011/02/catedral-diocesana-um-pouco-da-nossa.html. Acesso em 23 de Junho de 2013.). A primeira capela foi transferida para uma colina nas proximidades do "Porto das Lanchas" onde está situada atualmente a Catedral Diocesana. Mas em 1718 a capela foi elevada a paróquia, sede da freguesia denominada de Santo Antônio do Urubu de Baixo. A capela tornou-se matriz após a freguesia receber o título de cidade em 21 de fevereiro de 1866, iniciando-se uma série de construções e diversas demolições. Em princípio, as reformas da matriz seguiram o estilo barroco então em vigor na Europa e no Brasil colonial dos séculos XVII e XVIII. Possuía duas torres de formato arredondado com uma cruz ao centro. Em seu interior, os altares eram decorados em ouro e suas colunas esculpidas em estilo rococó. A década de 1840 corresponde à reedificação da nova igreja matriz, cujas obras se arrastaram por vários anos. Em 1859, Propriá possuía uma <i>"elegante Matriz cuja capela-mor é recentemente lavrada de talha e bem dourada, dentro é espaçosa e possuía capela do Sacramento lajeada em mármore e bem decorada. (...) A Matriz de Propriá foi antiga capela com a invocação de Santo Antônio do Urubu"</i> (SILVA, José Vieira Rodrigues de Carvalho. Viagem às cachoeiras de Paulo Afonso. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 82, Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial, 1859.). Com novas reformas no início do século XX, o estilo adotado para sua fachada foi o gótico, sob influência das culturas inglesa e francesa, no qual se percebe as janelas e vitrais em ogivas e suas colunas e torres pontiagudas bastante elevadas. <i>"A Igreja Matriz de Santo Antônio foi posicionada no sítio de forma que o seu acesso principal volta-se para o rio, respeitando o exato posicionamento da antiga matriz demolida, a uma quadra da Av. Graccho Cardoso. À sua frente, ao centro do largo da matriz, ou Praça Dom Antônio Cabral, está o obelisco que marca o local onde foi erguido, em 1802, um pelourinho em comemoração à elevação do povoado à categoria de vila"</i> (SICG - Módulo 1 - Ficha 2 - Contexto Imediato RIO SÃO FRANCISCO_Propriá.doc). O Decreto Pontifício de 30 de abril de 1960, do Papa João XXIII, elevou a Igreja Matriz a Catedral Diocesana, tendo como seu primeiro bispo o missionário redentorista D. José Brandão de Castro. Os usos atuais são de cunho católico, para missas, procissões, casamentos, batizados etc. Sua condição atual é de excelente estado de conservação interno e externo, sendo referência diocesana para diversos municípios do Baixo São Francisco. A Diocese de Propriá celebra duas grandes festas litúrgicas: o trezenário de Santo Antônio, com missas e procissões pelas ruas da cidade do dia 1º ao dia 13 do mês junho; e a tradicional Festa do Bom Jesus dos Navegantes, em janeiro.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Catedral Antiga_cidadedepropriablogspot.com.br_Propriá-SE_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Catedral Antiga_cidadedepropriablogspot.com.br_Propriá-SE_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Catedral_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Catedral_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Catedral_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Catedral_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_4.jpeg				Nº210 A 218, 505		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	F-Baixo São Francisco_Catedral_Andrade, Elza_Propriá-SE_18-10-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_InteriorCatedral_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_InteriorCatedral_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_2.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Antônio Walfran Braga Silva (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_21-06-2012_08m41s.wave		
CONTATOS	Antônio Walfran Braga Silva	Nº29	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Igreja Nossa Senhora do Rosário de Propriá			IDENTIFICADO		18
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede (Propriá)		
DESCRIÇÃO	A Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Propriá, construída há cerca de 300 anos, localiza-se a oeste e em um ponto mais elevado em relação à matriz. Possui um pequeno largo à sua frente (onde termina a Av. Augusto Maynard) rodeado por sobrados, principalmente residenciais. A extinta Irmandade do Rosário organizava os usos da igreja, que sediou grande parte das missas da freguesia. Sua arquitetura foi idealizada pelos jesuítas. Os usos atuais são conformados por missas, casamentos e batizados. Em relação à sua condição atual, a igreja apresenta deterioração externa, no entanto o interior foi reformado. Sua fachada principal é assimétrica, com uma alta e esguia torre sineira na extremidade esquerda. O coroamento é feito por frontão decorado por volutas. Na extremidade esquerda está presente um pináculo. Os vãos superiores são janelas de madeira almofadada, emolduradas em massa. Os inferiores são portas com verga em arco abatido e duas folhas de abrir. O embasamento é feito em pedra.					
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Igreja Nossa Senhora do Rosário_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja Nossa Senhora do Rosário_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Igreja do Rosário_cidadedepropriablogspot.com.br_Propriá-SE.jpeg F-Baixo São Francisco_Vista da Igreja do Rosário_cidadedepropriablogspot.com.br_Propriá-SE.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Antônio Walfran Braga Silva (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_21-06-2012_08m41s.wave			Nº219 A 222, 505		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Antônio Walfran Braga Silva			Nº29		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Conjunto Histórico de Propriá				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		19
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede (Propriá)			
DESCRIÇÃO	Própria possui um conjunto histórico residencial com estrutura datada dos séculos XVIII e XIX, no entanto mesmo que a cidade apresente um conjunto arquitetônico numeroso, ele está disperso no sítio. No entorno da Catedral Diocesana, na Praça Fausto Cardoso, há diversas casas em estilo eclético que conformam um dos conjuntos residenciais mais antigos. A praça conta também com um coreto ao centro erguido no início do século XX e ao seu redor estão o antigo Grupo Escolar João Fernandes de Brito, o prédio da Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba), a Prefeitura Municipal e casas residenciais. O antigo Grupo Escolar João Fernandes de Brito ainda funciona como a Escola de 1º Grau Coronel Fernando de Brito. Construído durante a primeira metade do século XX, mantém as características da arquitetura eclética, com, apenas, colocação de gradis nos vãos e um acréscimo na fachada posterior. O Colégio Nossa Senhora das Graças, no passado era um Colégio destinado às mulheres, localizado a sul e num ponto mais elevado em relação à Matriz. O colégio e o antigo Hospital de Caridade são edificações realizadas no final do século XIX pelo então vigário Padre Antônio Cabral. O hospital, que hoje funciona como seminário, está localizado à Praça Rodrigues Dória, no ponto mais alto do sítio, e pode ser avistado a partir de pontos diversos da cidade. Levantado no início do século XX, apresenta características da arquitetura religiosa eclética do século XX, com sinais de descaracterização, como a colocação de esquadrias de alumínio no pavimento superior. Situado à Rua da Capela, próximo à feira da cidade, está o Viaduto Joaquim Távora, edificado entre 1920 e 1931, originalmente para que o trem pudesse trafegar entre o centro da cidade e a ponte que liga Propriá a Porto Real do Colégio. (Entrevista concedida por Erasmo Rodrigues Teixeira, Historiador, morador de Propriá.) Ao longo de toda a cidade, existem exemplares dispersos de arquitetura eclética do início do século XX, entremeados por edificações de meados desse século. As alterações de fachada em tais exemplares ocorreram, principalmente, em estabelecimentos comerciais, seja pela troca das esquadrias e colocação de letreiros, seja pela troca de revestimento das fachadas. Geralmente, nesses casos, há a preservação da fachada no segundo pavimento, quando existente. Locado distante desse sítio, encontra-se uma edificação de interesse pela particularidade de seu tema e sistema construtivo utilizado: o Lazareto, situado no bairro de mesmo nome, conhecido como "cuscuz" e construído no início do século XX para funcionar como leprosário. Para lá eram levados os doentes a fim de que ficassem isolados até a morte. Após uma reforma, funciona como capela das Irmãs Carmelitas. Destaca-se pela cúpula construída em tijolos cerâmicos. As igrejas, assim como a estrutura da antiga Usina de Beneficiamento de Arroz, marcam a silhueta da cidade quando vista a partir do rio.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_6.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_7.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-				Nº223 A 237		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	SE_09-02-2012_8.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_9.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico_cidadedepropria.blogspot.com.br_Propriá-SE.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico - Lazareto_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Viaduto Joaquim Távora_cidadedepropria.blogspot.com.br_Propriá-SE.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico-Hospital_Fare Arquitetura_Propriá-SE_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Conjunto Histórico-Hospital_Fare Arquitetura_Propriá-SE_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Colégio Nossa Senhora das Graças_cidadedepropria.blogspot.com.br_Propriá-SE.jpeg		
CONTATOS	José Alberto Amorim	Nº30	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.3. FORMAS DE EXPRESSÃO

DENOMINAÇÃO	Samba de Coco				IDENTIFICADO		20
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual (sem data fixa)	LUGAR	Povoado Crioulo e Sede (Amparo do São Francisco), Povoado Caraíbas (Canhoba)			
DESCRIÇÃO	A dança Samba de Coco referencia o ritual de quebra de coco executado pelos negros escravos e é marcadamente caracterizado por traços também indígenas e sertanejos (matriz portuguesa); a dança não possui data fixa, sendo executada em vários períodos do ano, com maior incidência no período junino. Em termos de fluência e dinâmica, a dança acontece em meio à formação de pares, os quais, por sua vez, formam uma roda e começam a proferir os cânticos que tem por temática o cotidiano do trabalho, o amor e a própria história da local; ainda sobre as cantigas, a cada integrante cabe proferir um trecho, bem como responder às falas cantadas pelo solista. No povoado Crioulo, o bem cultural foi identificado como vigente, enquanto na sede do município foi categorizado enquanto memória. No povoado Crioulo, Edmilson Santos refere que “<i>as roças são individuais, mas o trabalho é coletivo</i>”, informando que é costume de seus moradores se reunirem em mutirão para realizar trabalhos nas roças de algum morador, o qual, como sinal de reciprocidade, oferece comida e bebida aos trabalhadores que lhe oferecem ajuda. Durante as pausas, algumas danças são executadas, sendo o Samba de Coco uma das mais referenciadas pela fala nativa, a qual é executada de forma espontânea em meio às atividades laborais. Cumpre destacar que se trata de uma atividade desenvolvida de forma espontânea entre os brincantes, perfazendo um momento de sociabilidade e lazer entre seus executantes no cotidiano laboral, não havendo um grupo que realiza apresentações em datas fixas, ensaios e deslocamento para outras comunidades. Já na sede do município foi possível verificar a não mais vigência de tal forma de expressão há aproximadamente 15 anos. Tal condição é referida pelos entrevistados como sendo o resultado da falta de envolvimento da comunidade, principalmente das gerações mais novas, bem como do próprio poder público municipal. Cumpre destacar que o bem cultural, de fato, é referenciado fortemente muito mais no povoado que constitui a comunidade reconhecida como quilombola do que na sede do município, local em que a memória social demonstrou menor identificação com tal forma de expressão. Em Canhoba, no povoado Caraíbas, tal forma de expressão, embora não mais vigente, ainda se mostra viva na memória coletiva. O grupo era formado em sua maioria por idosos - mulheres em maior número -, embora jovens e adultos também participassem. A indumentária utilizada era a mesma da celebração do candomblé, caracterizada pelas saias rodadas e sandálias de couro. A fala de Xifronese Santos informa que embora o Samba de Coco ainda seja muito popular no povoado, a maioria dos jovens não mais se interessa por executar a prática.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Cilene dos Santos_Souza, Eder e Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_12m19s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_PovoadoCrioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_20m42s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_PovoadoCrioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_08m06s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 3)_Souza, Eder e Andrade, Elza_PovoadoCrioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_13m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 4)_Souza, Eder e Andrade, Elza_PovoadoCrioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_048m29s.wave	Nº493 497	A	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Edmilson Santos; Cilene dos Santos; Xifronese Santos	Nº1,5 10	E	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Danças Afro			IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		21
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino	LUGAR	Povoado Crioulo (Amparo do São Francisco)		
DESCRIÇÃO	Conhecida como as antigas cantigas de roda e de batalhão, o grupo atual de Danças Afro em Amparo do São Francisco, formado por maioria feminina de jovens, reproduz com danças e cantorias o cotidiano do trabalho nas roças locais nos pequenos intervalos. Além do trabalho na roça, o amor e as vivências na comunidade são temas executados nas canções e resultado do improviso dos brincantes nas apresentações. Edmilson Santos faz questão de destacar as possibilidades de mutabilidade assumidas pelas manifestações culturais locais em meio às fruições exercidas pelas novas gerações nos processos interacionais dos quais participam. Estas acabam por criar novas cantigas e passos, modificando a dinâmica da forma de expressão, porém, sem deixar de vivenciar aquilo que lhes foi deixado enquanto legado pelas gerações anteriores. O entrevistado destaca ainda que o grupo cada vez mais tem se especializado nas apresentações, principalmente em face do contato e consequente influência com manifestações culturais de outras comunidades. Atualmente são dois grupos: “Raízes do Quilombo”, de jovens de 16 a 20 anos e o “Cripó”, composto por crianças. A indumentária utilizada é composta por saia estampada, rodada, blusa colada ao corpo, turbante e colares. A sonoridade é executada através de tambores feitos artesanalmente com pele de bode. Outro dado relevante se dá quanto à presença masculina na execução dos passos: o informante evidencia que é motivo de preconceito por seus habitantes, os quais relacionam negativamente tal postura à homossexualidade dos rapazes. Isso tem inibido a inserção de jovens do sexo masculino na atividade como dançarinos. As apresentações acontecem nas celebrações em comemoração ao dia da consciência negra, bem como na semana de aniversário de reconhecimento da comunidade enquanto território quilombola. As danças são ensinadas também nas escolas e quando as apresentações acontecem na comunidade, esta demonstra entusiasmo, inclusive reproduzindo os passos executados. Quando se realizam na sede do município, mesclam-se as demonstrações de entusiasmo às de deboche por parte do público.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	02	12	F1-	08
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Dança Afro_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_02-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Dança Afro_Eprovideo_Amparodo São Francisco-SE_02-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Dança Afro_Eprovideo_Amparodo São Francisco-SE_02-02-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Dança Afro_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_02-02-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Dança Afro_Eprovideo_Amparodo São Francisco-SE_02-02-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Dança Afro_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_02-02-2012_6.jpeg F-Baixo São Francisco_Dança Afro_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_02-02-2012_7.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_20m42s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_08m06s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 3)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_13m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 4)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_048m29s.wave	Nº110 A 116; 494 A 497	Cf. Anexo 2				
CONTATOS	Edmilson Santos	Nº1	Cf. Anexo 4				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Capoeira				IDENTIFICADO		22
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Povoado Crioulo (Amparo do São Francisco) / Povoado Caraíbas (Canhoba)			
DESCRIÇÃO	Dança que simula uma arte marcial, a Capoeira é executada em roda, onde os participantes cantam e batem palmas ao som do instrumento berimbau. Tradicionalmente vivenciada tanto no cotidiano dos trabalhos na roça, quanto como atividade lúdica executada nos momentos folga, a expressão cultural é tida, segunda a fala nativa, como importante para a manutenção da memória e da cultura negra que lhes identifica enquanto comunidade quilombola. Em Amparo do São Francisco, a prática é ensinada tanto nas escolas dos povoados que compõem a comunidade (Serrarias, Crioulo, Lagoa Seca e Pontal), quanto através da própria convivência entre os moradores em meio aos processos relacionais de herança cultural. Atualmente a comunidade conta com um grupo de capoeira formado por aproximadamente 30 integrantes, que vem ganhando força e reconhecimento na comunidade local com o passar dos anos. No entanto, nem sempre foi assim, já que, tal como salienta a fala de Edmilson Santos, até pouco mais de 10 anos a atividade era considerada “coisa de marginal”, chegando a ser por vezes marginalizada por algumas parcelas da comunidade. Já em Canhoba, não há um grupo formado, e sim demonstrações espontâneas de execução da prática na vida cotidiana, “um grupo, ‘do nada’, resolve começar uma roda de capoeira e aí os outros chegam”, refere a fala de Xifronese Santos. A incidência da expressão cultural reflete a condição quilombola da comunidade. A Capoeira faz parte do cotidiano local de jovens e adultos, vivenciada de forma espontânea em meio aos processos de herança cultural.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_20m42s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_08m06s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 3)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_13m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 4)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_048m29s.wave				Nº494 A 497	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Edmilson Santos; Xifronese Santos				Nº1 E 10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Quadrilha				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		23
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Sede do município; Povoado Crioulo (Amparo do São Francisco) / Sede do município (Canhoba) / Sede do município (N. S. de Lourdes) / Sede (Telha) / Sede (Propriá)			
DESCRIÇÃO	A Quadrilha é uma forma de expressão vigente tanto na sede do município de Amparo do São Francisco, quanto na comunidade quilombola Lagoa de Campinhos, no povoado Crioulo. Tendo duração média de uma hora, a apresentação acontece por partes nas quais se realizam os passos e as coreografias, tais como “Olha a chuva!”, “É mentira”, “Caminho da roça”, “Quebra do caranguejo”, “Xote” e o que seria o ponto culminante da apresentação, o “Xaxado”. Na comunidade quilombola, as Quadrilhas são organizadas e executadas pelos próprios moradores. Os jovens participam de forma intensa, numa demonstração da importância dos festejos juninos para a comunidade como um todo. Na sede municipal foram identificados grupos compostos por indivíduos de todas as faixas etárias, o que é explicado pela fala dos informantes como o resultado da grande identificação dos seus moradores com tal forma de expressão. Ensinadas e apresentadas também no ambiente escolar, as quadrilhas são referenciadas pela fala nativa como “a melhor época”. A fala de Domingos Oliveira Filho destaca que nos últimos anos tem havido maior incentivo da comunidade e do próprio poder público, configurando um resgate de tal bem cultural, o qual passara por momentos de crise nos últimos anos, em razão da falta de incentivo. A novidade atual é que, além de músicas tradicionais de forró, para envolver o público jovem, utilizam também músicas que estão ‘na moda’, cantadas em ritmo de forró. Perguntado se algumas parcelas da comunidade desaprovam esta atitude, o informante refere que não, já que todo o público aplaude com intensidade as performances. A indumentária utilizada é elaborada, destacando o entrevistado que não há interesse em utilizar roupas remendadas, tal como se dá a quadrilha do tipo matuta, argumentando que o verdadeiro matuto costuma guardar roupa nova para utilizar nas festas de São João. Nos dias de hoje o grupo mais referenciado é aquele que forma a Quadrilha “Carcará”, o qual se apresenta no próprio município, mas também é preparado para participar de concursos em municípios vizinhos. Atualmente em Canhoba foi relatada a vigência de um grupo denominado “Quadrilha Pé de Serra”, a qual é caracterizada pela mistura de elementos tradicionais, como a execução de passos e ritmos como o Xote, o Xaxado e o Baião, com elementos modernos, a exemplo da indumentária utilizada, marcadamente elaborada com detalhes suntuosos. Grande é o envolvimento da população com as quadrilhas juninas, principalmente dos jovens que vivenciam já nas escolas a prática desde crianças. As apresentações acontecem no município e também em cidades vizinhas. O público interage fortemente com a apresentação, batendo palmas e reproduzindo os passos executados. Já em Nossa Senhora de Lourdes, embora haja um crescente desaparecimento de grupos de Quadrilha nos últimos anos, como resultado da falta de incentivo do poder público municipal e da própria comunidade, principalmente das novas gerações, que demonstram desinteresse pela atividade, o grupo “Renascer” vem desenvolvendo as atividades há pouco mais de um ano, justamente com o objetivo de resgatar o bem cultural que sempre foi tido pela comunidade como uma de suas maiores expressões culturais. Cumpre destacar que o grupo atual possui forte relação com a Igreja Católica, a qual oferece um espaço físico para a realização dos ensaios. Sobre a dinâmica da apresentação o líder do grupo José Roberto Santos informa que há um esforço em trabalhar temas “do nordeste”, principalmente o Cangaço, com o destaque para as músicas de Luiz Gonzaga. A sonoridade é garantida pelo Trio Pé de Serra que fazem parte do grupo como integrantes. A indumentária utilizada é alugada no município de Rosário do Catete e caracteriza-se por certa elaboração. Porém, destacam que não participam de concursos em outras cidades por não possuírem autonomia financeira para se deslocar. O entrevistado informa ainda que a população tem se mostrado entusiasmada com o resgate de tal forma de expressão, porém, esta ainda sofre sérios riscos quanto à sua manutenção.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	02	12	F1-	08
--------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

	Em Telha, o bem cultural desponta como a principal forma de expressão do município nos dias atuais, se levado em consideração o grau de envolvimento da comunidade e do próprio poder público municipal. Formado por aproximadamente 30 integrantes, o grupo faz apresentações que mesclam elementos da quadrilha estilizada, distinguida daquela do tipo “matuta” pela indumentária mais elaborada e pelos detalhes suntuosos. Ainda sobre a dinâmica da apresentação, tem-se que esta acontece em meio a coreografias ritmadas por “Xote”, “Xaxado” e “Baião”, ao som de Trio Pé de Serra. O grupo atual tem 7 anos de formação, porém, desde a década de 1970 a manifestação teria sido fundada por iniciativa da própria comunidade. As apresentações acontecem durante todo o período junino em tablados montados próximo à praça da Igreja Católica, principalmente na semana de comemoração de São Pedro, importante referência religiosa local, bem como em municípios vizinhos, como Propriá e Cedro de São João. E no município de Propriá, as quadrilhas juninas são consideradas a maior expressão cultural local. Dez grupos são registrados na prefeitura, porém as falas dos entrevistados relatam haver um número bem mais significativo de grupos. De acordo com Maria Dias da Mota ainda que tal forma de expressão já é aprendida pelas crianças nas escolas, as quais realizam apresentações nos encerramentos das aulas do primeiro semestre. Vinte e quatro “arraias” são montados na cidade, organizados pela comunidade, com apoio da prefeitura. Edjânio Francisco da Silva relata que as bandas de forró eletrônico tomam cada vez mais espaço e importância, por vezes tornando-se o momento mais importante dos festejos juninos. A união do tradicional com o moderno divide opiniões, já que muitos grupos mantêm o estilo matuto, outros desenvolvem passos novos com músicas da atualidade e indumentária bastante elaborada. Personagens como o noivo e a noiva, o padre, o pai da noiva, o juiz e o delegado, o rei e a rainha do milho são indispensáveis na apresentação. Tendo por média de duração uma hora, a apresentação acontece por partes nas quais se realizavam os passos e as coreografias, tais como “Olha a chuva!”, “É mentira”, “Caminho da roça”, “Quebra do caranguejo”, “Xote”, “Alavantu”, “Quebra- coco”, “Acorda Maria Bonita”, “Xaxado” rápido e lento. O Xaxado seria o ponto culminante da apresentação. Na maioria dos passos, a forma dos meninos dançarem é batendo o pé de forma rápida e as meninas cruzando as pernas. O público interage fortemente, acompanhando com palmas e até mesmo reproduzindo alguns passos que observam. Edjânio relata que entende as Quadrilhas como sendo o reflexo do cotidiano da vida na roça, constituindo uma forma de diversão nos momentos de folga. Os jovens gostam de aprender a quadrilha por constituir um momento de forte interação entre os casais, principalmente no xaxado.
--	---

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	02	12	F1-	08
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Quadrilha_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Quadrilha_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Quadrilha_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Quadrilha_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Quadrilha_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Quadrilha_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_6.jpeg F-Baixo São Francisco_Quadrilha_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_7.jpeg V-Baixo São Francisco_Ensaio-de-Quadrilha-Junina (Parte 1)_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_00m17s.avi V-Baixo São Francisco_Ensaio-de-Quadrilha-Junina (Parte 2)_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_00m27s.avi V-Baixo São Francisco_Ensaio-de-Quadrilha-Junina (Parte 3)_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_02m47s.avi V-Baixo São Francisco-Quadrilha Renascer_Souza, Eder e Andrade, Elza_Nossa Senhora de Lourdes_20-06-2012_1.06m13s.avi V-Baixo São Francisco-Quadrilha Renascer_Souza, Eder e Andrade, Elza_Nossa Senhora de Lourdes_20-06-2012_2.02m09s.avi V-Baixo São Francisco_Quadrilha (parte 1)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_03m33s.avi V-Baixo São Francisco_Quadrilha (parte 2)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_05m35s.avi V-Baixo São Francisco_Quadrilha (parte 3)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_00m13s.avi V-Baixo São Francisco_Quadrilha de Matuto_Trio Pé de Serra (parte 1)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_01m48s.avi V-Baixo São Francisco_Quadrilha de Matuto_Trio Pé de Serra (parte 2)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_04m05s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Domingos Oliveira Filho, Souza, Eder e Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_14m29s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-José Roberto dos Santos_Souza, Eder e Andrade, Elza_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_10m58s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edjânio Francisco da Silva (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_16-06-2012_22m47s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edjânio Francisco da Silva (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_16-06-2012_01m20s.wave	Nº290 A 296; 455 A 457; 459 A 460; 498; 503; 467 A 471; 510; 511	Cf. Anexo 2				
CONTATOS	Domingos Oliveira Filho; Delorizano Torris Oliveira; José Roberto Santos ("Robertinho do Nordeste"); Maria Dias da Mota ("Maria de Cláudio"); Edjânio Francisco da Silva	Nº6, 11, 13, 20, 26	Cf. Anexo 4				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Festa do Gado Leiteiro				IDENTIFICADO		24	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1ª quinzena de dezembro	LUGAR	Palhoça (Povoado Escurial) (N. S. de Lourdes)				
DESCRIÇÃO	Vigente há 8 anos em Nossa Senhora de Lourdes, a Festa do Gado Leiteiro é organizada pelos fazendeiros da região, Secretaria de Cultura e Emdagro (Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe). Para fins comerciais, a organização deste evento foi impulsionada pelo aumento da produção leiteira. A participação dos fazendeiros consiste em realizar a primeira ordenha em uma sexta-feira à noite e depois o gado fica confinado no sábado para realização de outra ordenha. Daí ocorre ordenhas do sábado para o domingo e o fazendeiro que conseguir maior quantidade em quilos de leite vence o concurso (conforme José Roberto Santos Menezes, é utilizada a medição por quilos e não por litros). O leite da última ordenha serve para banhar o vencedor e a própria vaca. Os prêmios são em dinheiro e insumos agrícolas. A importância desta festa é que ela ocorre por 48h e há forte participação da comunidade que se envolve na organização e divulgação.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Espaço_festa do gado leiteiro_Souza, Eder Nossa Senhora de Lourdes-SE_10-02-2012.jpeg				Nº184	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	José Roberto Santos Menezes				Nº12	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Cantigas de Roda				IDENTIFICADO		25	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Cotidiano	LUGAR	Povoado Crioulo (Amparo do São Francisco)				
DESCRIÇÃO	É o trabalho na roça uma atividade coletiva no Povoado Crioulo, em Amparo do São Francisco, tal como refere Edmilson Santos: “a roça é individual, mas o trabalho é coletivo”. Em tais momentos, o dono da roça, em sinal de reciprocidade, oferece comida e bebida aos demais, que passa a ser consumida ao longo de todo o dia, configurando um momento de grande sociabilidade. É durante as pausas que acontecem as chamadas Cantigas de Roda, ritmadas pelo berimbau e tambor, mais as cantorias baseadas em rimas espontâneas. A tais momentos mesclam-se as “brincadeiras” do Samba de Coco e da Capoeira.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_20m42s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_08m06s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 3)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_13m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 4)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_048m29s.wave				Nº494 A 497	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Edmilson Santos				Nº1	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Corrida de Barco				IDENTIFICADO		26
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Bom Jesus dos Navegantes	LUGAR	Rio São Francisco (Propriá) / Povoado Crioulo (Amparo do São Francisco) / Povoado Escurial (N. S. de Lourdes)			
DESCRIÇÃO	A Corrida de Barco trata-se de uma competição de embarcações que acontece no domingo da Festa do Bom Jesus dos Navegantes. Em Propriá, tem início no turno matutino, às 10h, e se finaliza por volta do meio dia. A organização das embarcações acontece através das chamadas baterias de 3, 4 e 7 metros, onde competem canoas de 1, 2 e 3 velas. Cumpre destacar que atualmente a maioria das embarcações é movida por meio de motor, o que aumenta sua possibilidade de desempenho na competição. Tais condições, unidas às diferenças de tamanho das embarcações, são observadas pelos organizadores do evento, os quais tencionam separá-las por categorias. Competidores de várias partes do Baixo São Francisco participam do evento, inclusive de cidades do Estado de Alagoas, configurando um momento de sociabilidade entre as comunidades ribeirinhas. A própria largada dos barcos acontece a partir do povoado alagoano Tapera, e se finda na orla no município em frente à banca do peixe. A premiação é em dinheiro e troféus, atribuída aos primeiros, segundos e terceiros lugares. A logística do evento é organizada por pescadores, com interferência da prefeitura. O público participa torcendo e realizando apostas às margens do rio. Sobre a importância de tal forma de expressão para a vida dos moradores locais, tem-se que cumpre um dos acontecimentos mais aguardados nos dias de celebração da festa do padroeiro. Ao fim das premiações, há a mescla com as demais comemorações da Festa do Bom Jesus dos Navegantes, regada a muita bebida alcoólica ao som das bandas de <i>axé music</i>. Em Amparo do São Francisco, competindo aos pares, a competição envolve enquanto público pescadores e demais moradores do município, que interagem realizando apostas em dinheiro. Por se tratar de uma forma de expressão manifestada de modo espontâneo, em meio ao cotidiano do trabalho, não há premiações. Ao término da competição, peixes são assados à beira do rio e consumidos como alimento pelos participantes do acontecimento. Já em Nossa Senhora de Lourdes, a corrida de barco não é mais vigente há 8 anos. Sobre tal condição, Luiz Gonzaga Rodrigues informa ser o resultado da desistência de um dos principais organizadores. Incluída nas celebrações do Bom Jesus dos Navegantes, a corrida de barco acontecia no próprio domingo, dia da procissão do santo católico, tendo início no turno matutino, em horário acordado pelos competidores, a depender das fruições do vento. Predominantemente o tipo de embarcação utilizado eram as canoas de pesca e chata. Aos pares, os competidores, advindos do próprio município e de municípios vizinhos, inclusive do Estado de Alagoas, disputavam os quatro primeiros lugares. A premiação era em dinheiro e o público interagiu com o acontecimento realizando apostas e torcendo por seus competidores favoritos. Após as premiações, público e competidores comemoravam o acontecimento com peixes preparados pelas mulheres participantes e bebida alcoólica.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_20m42s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_08m06s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 3)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_13m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 4)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_048m29s.wave				Nº494 A 497; 512	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Luiz Gonzaga Rodrigues_Andrade, Elza_Propriá-SE_17-06-2012_04m29s.wave		
CONTATOS	Edmilson Santos; José Roberto Santos Menezes; Luiz Gonzaga Rodrigues	Nº1; 12; 31	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Xangô			IDENTIFICADO		27
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Povoado Crioulo (Amparo do São Francisco)		
DESCRIÇÃO	O Xangô é uma forma de expressão afro-brasileira característica da comunidade quilombola de Lagoa dos Campinhos. Consiste em uma dança em homenagem a Xangô, importante Orixá da religião Candomblé, estabelecendo forte relação com a religiosidade local. Mesmo tendo enfrentado forte discriminação, é praticado ainda nos dias de hoje, demonstrando a sua importância para a formação e manutenção da identidade coletiva da comunidade. O Xangô segue os rituais tradicionais desde a formação da comunidade quilombola, exibindo baixo grau de descaracterização. Espontaneamente, ocorre apenas na comunidade de Lagoa dos Campinhos. Inicialmente, era dançado no cotidiano, durante as pausas do trabalho nas roças. Nos dias de hoje, não há datas ou período do dia específico para a sua prática, a qual é definida pelos próprios integrantes. Homens e mulheres participam da dança, desempenhando atividades e movimentos distintos que estão vinculados à hierarquização interna da própria comunidade. A percussão, elemento integrante e indissociável da expressão, dá dinâmica e ritmo à dança, sendo conduzida por oito homens. Os instrumentos musicais utilizados, o tambor, o atabaque e o agogô, são produzidos artesanalmente pelos próprios quilombolas segundo técnicas tradicionais. Não há vestuário específico no xangô, apesar de usualmente trajarem roupas que remetem aos primeiros quilombolas que fundaram a comunidade. É tradicionalmente praticado em um terreiro específico, localizado a uma distância de aproximadamente três quilômetros em relação às moradias, e caracterizado pela vegetação rasteira, típica de pastos. Tal sítio pertenceu, durante muito tempo, a um proprietário particular de fora da comunidade, impondo empecilhos à prática da forma de expressão no seu local original. Através de muita luta e mobilização das autoridades competentes, a comunidade de Lagoa dos Campinhos conseguiu ganhar direito de causa, tendo sido reconhecida pelo governo federal a ligação entre o espaço e os valores culturais mantidos por seus habitantes. Em 2012, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) tituló a terra em nome da comunidade. Segundo relatos de Edmilson Santos, agente comunitário local, a expressão do Xangô foi fortemente recriminada pela população católica de Amparo de São Francisco durante muitos anos, obrigando a comunidade quilombola a manifestar-se de forma “escondida”. Ainda segundo o mesmo, a comunidade de Lagoa dos Campinhos sente-se discriminada ainda nos dias de hoje, embora seja em menor intensidade. Um fator que contribuiu para a sua maior aceitação foi o reconhecimento da comunidade pelo INCRA, no ano de 2008, e a titulação de suas terras, quatro anos depois. Atualmente, o grupo é convidado para participar de eventos culturais em alguns municípios da região, colaborando para a divulgação e reconhecimento da sua cultura. Entretanto, eles alegam que muitas vezes se sentem impedidos de apresentar a forma de expressão na sua íntegra, sendo cerceados a exibir apenas o que é definido pelos organizadores desses eventos, situação esta que é interpretada pela comunidade como uma forma de preconceito remanescente. No município de Amparo de São Francisco, é comum a comunidade apresentar-se durante a Festa do Padroeiro e no aniversário da cidade. As gerações mais novas apresentam certa resistência à prática do Xangô, assim como de outras formas de expressão características da comunidade, devido ao preconceito que ainda é sentido pelos quilombolas. Para reverter tal tendência e evitar a extinção dessas práticas tradicionais, iniciou-se um trabalho de conscientização e de afirmação da identidade local voltado especialmente para as crianças e adolescentes.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_20m42s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_08m06s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 3)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_13m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 4)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_048m29s.wave	Nº494 A 497	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Edmilson Santos	Nº1	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Reisado dos Idosos			IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		28
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino	LUGAR	Sede do município (Amparo do São Francisco)		
DESCRIÇÃO	Cilene dos Santos, brincante e responsável por representar a personagem “Deusa do Baile”, que comanda os cordões Verde e Encarnado, informou que foi iniciada ao grupo do Reisado dos Idosos quando tinha 13 anos de idade, há mais de 50 anos, acompanhando seu pai, então responsável por representar a figura do Matheus. Resgatado há oito anos fruto das iniciativas da comunidade de Amparo do São Francisco, com apoio do poder público municipal por meio do Centro de Referência e Assistência Social, o grupo atual é formado predominantemente por homens e mulheres idosas, totalizando 15 componentes. De matriz portuguesa, o reisado é composto por dançarinos, tocadores e cantores. Trata-se de um ritual religioso, uma devoção praticada em face da chegada do Messias, mas também admite conotações vinculadas à guerra. A apresentação se dá através de “partes”, dançadas e cantadas pelos brincantes utilizando por temas, além da louvação pelo nascimento do Menino Jesus, também os amores vivenciados na vida social. A sonoridade é realizada pelos homens e ocorre por meio dos instrumentos zabumba, pandeiro, triângulo e sanfona. A indumentária é caracterizada por vestidos rodados customizados com fitas coloridas, vermelhas, amarelas e brancas. As exhibições acontecem no município e em cidades vizinhas, principalmente Propriá e Canhoba. A fala da entrevistada salienta que é em Laranjeiras que há melhor receptividade do público, onde o grupo tem sido requisitado para apresentar-se no Encontro Cultural. Costumam também realizar apresentações em escolas e faculdades privadas. Destaca que é fora do município onde encontram maior reconhecimento do público, inclusive porque no próprio município algumas pessoas chegam a criticar o fato de mulheres idosas executarem tal atividade, entoando termos negativos em relação ao fato de mulheres idosas estarem dançando em público. A entrevistada refere ainda que lhe seria de grande agrado observar a participação de jovens da comunidade na forma de expressão referida, pois percebe o risco de sua não continuidade. No entanto, estas novas gerações parecem se constranger em meio à possibilidade de desenvolverem tal prática.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Reisado dos Idosos_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_02-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Reisado dos Idosos_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_02-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Reisado dos Idosos_Eprovideo_Amparo do São Francisco-SE_02-02-2012_3.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Cilene dos Santos_Souza, Eder e Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_12m19s.wave	Nº127 A 129; 493	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Cilene dos Santos	Nº5	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Marujada				IDENTIFICADO		29
	☒ SIM		☐ NÃO				
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Sede (Amparo do São Francisco) / Sede (Propriá) / Sede (Telha)			
DESCRIÇÃO	Conhecido como Chegança em outras cidades, a Marujada, embora não tenha sido identificada como sendo exercida por um grupo, é ensinada nas escolas municipais de Amparo do São Francisco a crianças durante as comemorações do ciclo junino. Cilene dos Santos informou que data de aproximadamente 30 anos a não mais existência de grupos responsáveis por desempenhar tal forma de expressão. Sobre a dinâmica da apresentação, tem-se a presença de personagens como os Capitães, General, Padre, Pandeiristas, Rainha e Princesas que encenam batalhas entre portugueses e mouros. A indumentária é caracterizada por roupas brancas, semelhantes às usadas por marinheiros - do lado português – e de seda amarela e vermelha adornados com fitas coloridas – representando os mouros. As evoluções presentes na dinâmica da apresentação incluem marchas (principal passo realizado) ritmadas ao som de apitos e pandeiros. As apresentações acontecem na própria escola, não havendo grande envolvimento de indivíduos além da comunidade escolar, o que é visto pela entrevistada, como algo extremamente desoladorjá que reflete o desinteresse da maioria da população do município com tal forma de expressão, gerando sérios riscos à sua manutenção. Em Propriá, D. Soninha informou que data de aproximadamente 30 anos a não mais existência de grupos responsáveis por desempenhar tal forma de expressão. A interrupção dessa forma de expressão no município é tribuída à falta de interesse da comunidade, principalmente das novas gerações, que sentem constrangimento em relação à prática, bem como à falta de incentivo do poder público municipal. Já em Telha, a entrevistada Maria de Cláudio diz ser não mais vigente há aproximadamente 50 anos, devido a falta de interesse das novas gerações para com tais tipos de expressão cultural, embora se faça presente de maneira forte na memória coletiva dos seus habitantes. No grupo existente eram entre oito e dez integrantes que brincavam em todas as épocas do ano, principalmente nas noites de lua cheia, em frente as portas das casas, configurando um momento de grande sociabilidade entre os habitantes locais. Não utilizavam uniforme elaborado, apenas espadas.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Cilene dos Santos_Souza, Eder e Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_12m19s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Sônia Santos Pontes_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_17-06-2012_17m25s.wave				Nº493, 506	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Cilene dos Santos; Maria Dias da Mota (“Maria de Cláudio”); Sônia Santos Pontes (“D. Soninha”)				Nº5, 20, 25	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Guerreiro				IDENTIFICADO		30
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
	Ofício						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Sede do município (Amparo do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	Guerreiro é uma forma de expressão que deixou de vigor há aproximadamente 30 anos em Amparo do São Francisco. Nos dias de hoje ela é executada por crianças nas escolas municipais por ocasião das comemorações do ciclo junino. Cilene dos Santos, chamada pela comunidade escolar para ensinar a dinâmica da apresentação, conta que tenta repassar os principais elementos da “brincadeira” que presenciava em seus tempos de criança. Assim o auto de natal é composto pelos personagens rei, rainha, mestre, embaixadores, general, Lira, caboclinho, índio Peri, vassalos e Mateus, sereia, borboleta, executados em “partes”. Danças e cantigas são realizadas tendo por sonoridade os instrumentos tambor, sanfona, pandeiro e triângulo. A entrevistada faz questão de destacar que a manutenção de tal prática encontra-se ameaçada em face da falta de interesse dos jovens locais em continuar lhe reproduzindo, mesmo havendo sua realização nas escolas.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Cilene dos Santos_Souza, Eder e Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_12m19s.wave				Nº493	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Cilene dos Santos				Nº5	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Pastoril				IDENTIFICADO		31
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino e Festa dos Reis	LUGAR	Sede (Canhoba) / Sede (Amparo do São Francisco)			
DESCRIÇÃO	O auto de natal Pastoril que representa a alegria pelo nascimento do Menino Jesus é herança portuguesa deixada pelos colonizadores, ressignificada no cotidiano social através dos processos de herança cultural. Em Canhoba, pessoas de Porto Real do Colégio (AL) teriam ensinado essa forma de expressão a moradores do município há aproximadamente 50 anos. Delorizano Torres Oliveira destaca que desde esse tempo as apresentações seguiram sem interrupções, constituindo um reflexo do envolvimento da comunidade. Sobre a dinâmica da apresentação, a única diferença destacada pelo entrevistado em relação a grupos de pastoril de cidades próximas é o uso das cores azul e encarnado (em vez de verde e encarnado) pelos cordões que disputam a louvação ao Menino Jesus. Há grupos de jovens e de idosos que se apresentam não somente durante o ciclo natalino, mas também nas festividades relacionadas às festas de santos católicos bastante referenciados no município como Nossa Senhora da Conceição. A fala do entrevistado informa que os moradores demonstram bastante envolvimento com a prática, ao contrário de outras cidades onde as novas gerações demonstram sentimento de constrangimento em relação à forma de expressão. Apresentam-se no município e também em municípios vizinhos como as cidades de Cedro de São João, Propriá, Nossa Senhora de Lourdes e Amparo do São Francisco. Delorizano reclama que o poder público não incentiva, o que pode lhes provocar o desaparecimento. Não mais vigente em Amparo do São Francisco há aproximadamente 30 anos, ainda se faz presente de forma intensa na memória coletiva dos habitantes mais idosos. O Pastoril era executado de forma espontânea, como brincadeira, pelos jovens da comunidade, em dias de folga, também no período junino. Cilene dos Santos informa que há aproximadamente 7 anos ocorreu uma apresentação de tal forma de expressão executada por crianças, as quais foram preparadas por uma filha de ex brincante, convidada por uma escola municipal a ensinar as crianças para os festejos juninos da instituição. Em sua fala, Dona Cilene destaca ainda seu desejo em relação aos jovens quanto à manutenção da prática, a fim de impedir seu desaparecimento em Amparo do São Francisco, os quais têm demonstrado profundo desinteresse.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Retrato de Cilene dos Santos_Pastoril_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Cilene dos Santos_Souza, Eder e Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_12m19s.wave				Nº99; 493		Cf. Anexo 2
CONTATOS	Cilene dos Santos; Delorizano Torris Oliveira				Nº5; 11		Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cavalgada				IDENTIFICADO		32
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Sede, povoados Crioulo, São José e Lagoa Seca (Amparo do São Francisco) / Sede e Povoado Caraíbas (Canhoba)			
DESCRIÇÃO	Tendo por vigência 12 anos em Amparo do São Francisco, a Cavalgada é bastante referenciada na comunidade e em municípios vizinhos como sendo um dos eventos mais animados do ciclo junino da região. Trata-se de um passeio composto por indivíduos montados em cavalos que se deslocam no turno matutino da sede do município até o povoado Crioulo, passando pelos povoados Lagoa Seca e São José. Carroças enfeitadas com pindobas, cavalos, motocicletas, automóveis acompanham os cavaleiros e as amazonas. As motocicletas e os carros seguem na frente do cortejo, com buzinas, atraindo bastante atenção dos moradores por onde passam. Um minitrio acompanha o cortejo tocando música de vaquejada. Os cavaleiros e amazonas seguem enfeitados com indumentária marcadamente de couro, porém utilizando camisa padrão, que traz a marca do evento, adquirida no ato da inscrição. Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira destaca uma média de 200 participantes, oriundos de cidades próximas, principalmente dos municípios de Aquidabã, Nossa Senhora de Lourdes, Cedro de São João, Telha e Propriá. Após a chegada ao povoado Crioulo, 12 a 15 arrobas de carne bovina são consumidas em um churrasco regado a bebida alcoólica e forró. Após o dia inteiro de festa, retornam à sede do município onde acontecem apresentações de quadrilha e shows de bandas de forró eletrônico e pé de serra. Cumpre destacar que a cavalgada constitui um acontecimento que tem na comunidade de Amparo de São Francisco completo envolvimento, desde sua organização até a execução. Essa forma de expressão, portanto, constitui um dos mais significativos ali existentes. Já no povoado Caraíbas em Canhoba, por motivo de diversão, cavaleiros e amazonas reúnem-se e fazem um passeio pelo povoado, partindo de uma fazenda até chegar ao povoado. A sonoridade que ajuda na animação é realizada através de um minitrio, onde vai um locutor anunciando o evento e seus participantes. Fazendeiros locais organizam o evento. Sobre os integrantes, embora a maioria seja composta por habitantes do município, cavaleiros e amazonas de cidades vizinhas também participam do evento. O encerramento se dá com apresentação de banda de forró. Sobre a importância da festa para a vida local, há que se destacar o intenso grau de mobilização da comunidade e sua referência ao acontecimento como um dos mais significativos ali existentes.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira ("Paulo da Té"); Simão Evangelista Ferreira; Xifronese Santos				Nº7, 9 e 10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Casamento do Matuto				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		33
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino (Amparo do São Francisco e N. S. de Lourdes) / 01 sábado de agosto (Canhoba)	LUGAR	Sede (Amparo do São Francisco) / Sede (Canhoba) / Povoado Ecurial (N. S. de Lourdes)			
DESCRIÇÃO	Marliene Santos informa que a forma de expressão Casamento do Matuto em Amparo do São Francisco tem 18 anos de vigência e conta com forte identificação pela comunidade dada a grande irreverência presente na encenação do casamento entre matutos. Este acontece após um cortejo composto por carroças, cavalos, motocicletas e automóveis pelas principais ruas da cidade, acompanhando os noivos rumo ao seu momento mais importante. Cumpre destacar que carroças seguem bastante enfeitadas com folhas de coqueiro e bandeirinhas juninas, levando à frente os noivos - os quais seguem com acenos para o público -, mais os integrantes da Quadrilha que se apresenta após o casamento. Após a chegada no local programado, a noiva então se apresenta grávida, junto com seu pai, armado com espingarda obrigando o noivo a casar. O padre é tido como uma das figuras mais irreverentes da apresentação, por mostrar-se embriagado. Na cerimônia são pronunciadas falas em tom bastante cômico e previamente elaboradas. Ao término da cerimônia de casamento, a quadrilha começa e a festa só para em altas horas da madrugada. Em Canhoba a manifestação é vigente há mais de 20 anos, e é tido como uma espécie de prolongamento dos festejos juninos pelos moradores do lugar. Simão Evangelista Ferreira informa que é grande a identificação dos moradores com os festejos juninos como um todo, e, consequentemente com tal forma de expressão. Organizado por comerciantes locais, junto com a prefeitura, a brincadeira se inicia com um cortejo de carroças enfeitadas com palhas de pindoba (a planta que dá origem ao ouricuri) e bandeirinhas, que levam os noivos. Seguem rumo ao povoado Caraíbas, onde acontece a encenação do casamento matuto. Após finalmente o padre conseguir terminar o casamento, inicia-se um churrasco até o fim do dia. Em seguida, todos retornam à sede do município onde acontecem shows de bandas de forró pé de serra. Já em Nossa Senhora de Lourdes o Casamento do Matuto é vigente há 16 anos, seguindo o mesmo ritual das demais. Acontece todos os anos em data não fixa, mas sempre na semana que culmina na comemoração de São Pedro, bastante referenciado no local.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Marliene Santos_Souza, Eder e Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_04m35s				Nº499	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Marliene Santos; Simão Evangelista Ferreira; José Roberto Santos Menezes				Nº8, 9, 12	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Forró do Candeeiro				IDENTIFICADO		34	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino	LUGAR	Sede do município e Povoado Caraíbas (Canhoba)				
DESCRIÇÃO	Corroborando com a forte identificação da comunidade de Canhoba com os festejos juninos, o Forró do Candeeiro é referenciado como uma forma de expressão tradicional do município que acontece em data não fixa no mês de junho. Trata-se de um show de forró pé de serra em local fechado e iluminado apenas por candeeiros (tipo de luminária). Xifronese Santos relatou que nos tempos atuais estes já são elétricos, porém, cumprem com a função de deixar os ambientes relativamente escuros ou à meia luz, um atrativo aos namoros e às paqueras. É forte a identificação dos moradores com o acontecimento, principalmente dos jovens.							
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira; Xifronese Santos				Nº9 E10	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Corrida de Argola				IDENTIFICADO		35	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Verão	LUGAR	Sede do município e Povoado Borda do Mato (Canhoba)				
DESCRIÇÃO	A Corrida de Argola se constitui em um dos maiores acontecimentos em Canhoba, por receber competidores e público dos municípios vizinhos e dos estados de Alagoas e Bahia. Trata-se de uma competição em que o cavaleiro tem que acertar com uma espécie de vara um círculo – a argola – localizado no centro de duas hastes de madeira, montadas no dia anterior à competição. Aquele que consegue pegar maior número de argolas é o vencedor. Foi referido mais de 50 participantes em média todos os anos. As premiações são dadas aos três primeiros lugares, podendo ser em dinheiro, troféus e medalhas, e até caprinos e bovinos. Na sede, o local onde ocorre a competição fica próximo ao matadouro do município. O evento é organizado pela própria comunidade, principalmente os comerciantes, e conta com bastante envolvimento dos seus moradores. Cumpre ressaltar que tal forma de expressão está fortemente ligada ao modo de vida sertanejo, o que revela a intensa identificação do município com a cultura sertaneja, diferentemente de municípios situados mais próximos à Foz do Rio São Francisco. No povoado Boca da Mata, o acontecimento não conta com apoio dos comerciantes locais, tampouco da prefeitura, sendo subsidiado pelos próprios moradores, além de alguns competidores da sede e de povoados vizinhos.							
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira				Nº9	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Pareia				IDENTIFICADO		36
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Verão	LUGAR	Sede do município e Povoado Borda do Mato (Canhoba)			
DESCRIÇÃO	Trata-se de uma corrida de cavaleiros realizada aos pares. Bastante cultuada em Canhoba, a manifestação da Pareia demonstra a forte identificação da comunidade em relação a tal forma de expressão, revelando vínculos estreitos com o cotidiano do vaqueiro, personagem importante da vida sertaneja na região. Na sede do município, o espaço onde se realiza a competição é o mesmo utilizado na corrida de argola, próximo ao matadouro de gado bovino. Comerciantes locais e a comunidade organizam o evento que recebe competidores do município, de municípios vizinhos e dos estados da Bahia e Alagoas. A premiação é em dinheiro, arrecadado durante a semana que antecede a competição com os comerciantes locais. Já no povoado Borda da Mata, a competição acontece quase de forma espontânea, sendo decidida na mesma semana de sua ocorrência. Ocorre em dia de domingo, também no verão, organizada pelos próprios moradores. Competidores da sede do município vão até o povoado e também participam do evento. O público interage fazendo apostas em dinheiro e torcendo pelos cavaleiros.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira				Nº9	Cf. Anexo 4	

DENOMINAÇÃO	Vaquejada no Mato				IDENTIFICADO		37
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Fazenda Nossa Senhora das Graças (Canhoba)			
DESCRIÇÃO	Bastante vinculada ao cotidiano do vaqueiro, personagem do sertão, a Vaquejada é muito apreciada pelos moradores de Canhoba, revelando fortes indícios da cultura sertaneja presente no município. Trata-se de uma competição em que os participantes montados em cavalos devem perseguir um boi – geralmente novilho – derrubando-o após conseguir ficar em parelha. Tradicional na região, a competição acontece em data não fixa, se repetindo em média três vezes ao longo do ano. Acontece em uma fazenda chamada Nossa Senhora das Graças. Recebe competidores e público do município, de municípios vizinhos e de cidades da Bahia e Alagoas. Prêmios em dinheiro e em bois contemplam os ganhadores. Após a competição, trios elétricos com shows de bandas de forró eletrônico encerram o evento.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Simão Evangelista Ferreira				Nº9	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Reisado			IDENTIFICADO		38
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐					
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino	LUGAR	Sede do município (Canhoba) / Praça da Igreja Católica; frente das casas dos moradores do município (Telha) / Sede (Propriá)		
DESCRIÇÃO	O Reisado trata-se de uma encenação que mescla homenagens à chegada do Messias com conotações vinculadas à guerra. Homens e mulheres participam da apresentação, que tende a acontecer não somente no período natalino, mas também, nas festividades relacionadas às festas de santos católicos bastante referenciados no município de Canhoba, como Nossa Senhora da Conceição. Delorizano Torres de Oliveira informa que o grupo é formado por jovens e idosos, sendo que os primeiros demonstram bastante envolvimento com a prática, ao contrário de outras cidades onde as novas gerações demonstram sentimento de constrangimento em relação à forma de expressão. Apresentam-se no município e também em municípios vizinhos como as cidades de Cedro de São João, Propriá, Nossa Senhora de Lourdes e Amparo do São Francisco. O entrevistado reclama que o poder público não incentiva, o que pode lhes provocar o desaparecimento. Já em Telha, a manifestação não é mais vigente há aproximadamente 50 anos, e Maria Dias da Mota, que também fazia parte do antigo grupo, relata que o bem cultural constituía uma das principais formas de expressão locais, tendo deixado de ser exercido pela falta de interesse das novas gerações. Durante o período natalino, formava-se sempre um grupo composto por 20 integrantes, a maioria de jovens, agrupados em pares e divididos entre os cordões verde e encarnado. Apresentavam-se ao som de cavaquinho, zabumba e triângulo, utilizando indumentária marcadamente estampada de floreios coloridos, fitas e chapéus. Em Propriá, há aproximadamente 20 anos o Reisado não mais é vigente. O grupo tinha por nome “Reisado de Maria Rosa”, e logo depois “Reisado de Maria Elizete”, acompanhando o nome da líder do grupo. Eram em número de 24 componentes, com apenas três homens. As músicas eram cantadas de acordo com as figuras mestre, contramestre, embaixadora, aeroplano, buriatã, balão, andorinha, Matheus, boi e jaraguá. Os temas entoados faziam referência à louvação pelo nascimento do Menino Jesus, mas também continha temas da vida cotidiana, a exemplo da música “Balão” que homenageia as cidades de Propriá e Aracaju. A sonoridade era feita por zabumba, sanfona, violão, triângulo e maracá levado e tocado por todas as mulheres. A indumentária era caracterizada por roupas de seda colorida, com os destaques para as cores verde e vermelha. Os passos caracterizados pela pisada forte com tamancos de madeira. As apresentações aconteciam no município, nas cidades vizinhas e até em outras cidades. Chegaram a se apresentar em Pernambuco. Recebiam cachê que era utilizado no incremento da indumentária e dividido entre os próprios componentes. Após a mestra Dona Elizete ter ficado doente, o grupo interrompeu as atividades. Maria Elizete Nunes refere que a falta de uma liderança teria desestimulado os demais integrantes. No entanto, informa que é possível resgatar a forma de expressão, pois há interesse dos membros da comunidade.					
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Maria Elizete Nunes_Souza, Eder e Andrade, Elza Propriá-SE_16-06-2012_14m06s.wave			Nº507	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Delorizano Torres Oliveira; Maria Dias da Mota (“Maria de Cláudio”); Maria Elizete Nunes			Nº11, 20; 27	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Maracatu				IDENTIFICADO		39	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Caraíbas (Canhoba)				
DESCRIÇÃO	Não mais vigente no Povoado Caraíbas, em Canhoba, há aproximadamente 40 anos, o Maracatu constitui um forte reflexo da identidade cultural concernente à comunidade descendente de Quilombo e que ainda não foi legitimada pelo poder público como tal. Não há mais integrantes vivos e, embora líderes comunitários tenham se esforçado no intuito de resgatar tal forma de expressão, não houve sucesso quanto a isso. Porém, há que se ressaltar que, embora não mais ocorra a vigência de tal forma de expressão, há forte identificação com os moradores mais idosos da povoado.							
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Xifronese Santos				Nº10	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Caretas				IDENTIFICADO		40	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Carnaval	LUGAR	Povoado Caraíbas (Canhoba)				
DESCRIÇÃO	Todos os anos durante o carnaval, homens e mulheres usam máscaras com traços mal-humorados e saem pelo povoado “assustando” os moradores e comemorando a festa carnavalesca. Os Caretas são tidos como figuras bastante irreverentes e indispensáveis na época, numa forma de expressão que já se tornou tradição no Povoado Caraíbas, em Canhoba.							
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Xifronese Santos				Nº10	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Dança de São Gonçalo				IDENTIFICADO		41
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede do município (N. S. de Lourdes)			
DESCRIÇÃO	Embora a Dança de São gonçalo seja executada na maioria dos lugares no mês de janeiro, por coincidir com a data da morte do santo católico, em Nossa Senhora de Lourdes sua execução não possui data fixa, ocorrendo de acordo com as promessas feitas por indivíduos da comunidade. Luzinete Ferreira dos Santos, líder do grupo, informa que a dança tem um caráter predominantemente religioso. O grupo é chamado a apresentar-se pelos próprios membros da comunidade que desejam assumir o pagamento de promessas feitas ao santo. Geralmente tais promessas se referem a curas de problemas de saúde que foram solucionados após a confiança depositada no santo. A memória coletiva enfatiza os exemplos de cura que já aconteceram nessas circunstâncias, e a própria entrevistada informa que se iniciou na prática após uma cura de parente próximo. Aqueles que fazem as promessas oferecem uma quantia em dinheiro ao grupo, o qual serve para pagar aos tocadores. A apresentação acontece ao longo de todo o dia, por meio da execução de rodas, todas pronunciando cantorias que homenageiam São Gonçalo e Jesus Cristo. Iniciam fazendo a “venda” – cobrindo o santo –, e logo após realizam o “cozer”, onde as componentes de cada fila se entrelaçam uma com a outra. Depois dançam arrastando o pé no chão e vão até o meio da roda “enganando”, indo, voltando e trocando de lugar. O grupo é composto por 12 indivíduos, dos quais apenas dois são homens, sendo a maioria formada por idosos. A indumentária é caracterizada pela saia comprida e blusa com a imagem do santo. Dez rodas são executadas e é a pessoa que faz a promessa que orienta a quantidade de rodas que precisam ser dançadas. Se a pessoa já faleceu sem pagar a promessa, o grupo realiza doze rodas. A sonoridade da apresentação é realizada através de violão, tocados pelos homens do grupo. Ao término da apresentação, fazem orações católicas, principalmente a Ladainha. Logo após, saem pelas ruas do município para pedir esmolas em dinheiro para o santo, o qual é repartido entre as brincantes e também utilizado para compra de fitas a serem utilizadas na imagem do santo. Apresentações sem motivo de promessa também acontecem, principalmente nas escolas do município. Contam que já se apresentaram na capital, inclusive dividindo espaço com outro grupo vindo do município de Laranjeiras (SE). Desse encontro a entrevistada relata que foi possível perceber grandes diferenças, a exemplo dos passos executados por aqueles, caracterizados pelos “pinotes”, enquanto que seu grupo arrasta o pé no chão. A predominância masculina no grupo de Laranjeiras é outro diferencial, bem como o fato de que alguns dançam tocando instrumentos. Mas a diferença principal que identificaram foi a de que seu grupo tem um caráter fortemente religioso, enquanto que o de Laranjeiras lhes pareceu estar mais vinculado ao sentido de expressão cultural. Cumpram destacar ainda, segundo a fala da entrevistada, que grande é a vontade de tornar possível o envolvimento dos jovens em tal forma de expressão, porém, eles se sentem constrangidos em realizá-la, destacando de forma pejorativa que esta é uma atividade para “velhos”.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Luzinete Ferreira dos Santos_Souza, Eder e Andrade, Elza_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_14m14s.wave				Nº502	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Luzinete Ferreira dos Santos				Nº16	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Pastoril das Crianças				IDENTIFICADO		42					
	☒ SIM		☐ NÃO									
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO											
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA											
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Natalino e Semana Cultural	LUGAR	Praça de Eventos (Propriá)								
DESCRIÇÃO	A memória local refere a vigência da forma de expressão Pastoril das Crianças em Propriá há aproximadamente 40 anos, quando, em seus tempos de infância, Dona Soninha – nossa informante local e ainda líder do grupo – teria ensinado à amigas de mesma idade uma “brincadeira” de seu local de origem, a cidade de Porto Real do Colégio(AL). A entrevistada continuou na fase adulta ensinando ao mesmo tipo de público, bem como à filha, hoje já adolescente e responsável por representar a personagem da Diana. Composto predominantemente por meninas de 6 a 16 anos, o grupo conta atualmente com 12 integrantes, 6 de cada lado representando as cores azul e encarnado que fazem parte do auto de natal. A indumentária é composta de roupas mais simples, já que, como relata a entrevistada, o grupo não possui autonomia financeira para roupas mais elaboradas. Destaca que já chegou a se sentir constrangida, junto às demais integrantes do grupo, quando, por ocasião de sua apresentação em eventos e encontros culturais que traziam grupos de Pastoril de outras cidades, comparando-se a estes, pela falta de detalhes suntuosos em sua indumentária. As apresentações duram em torno de 20 minutos, mas podem ir até 1 hora, iniciando com a cantiga do São José, santo importante para o universo simbólico e cultural local por estar relacionado ao êxito na colheita do milho. As jovens reproduzem os passos ensinados, porém, mesmo contrariando a opinião da mentora, criam novos passos, caracterizados por maior dinamismo e rapidez. As meninas ensaiam de duas a três vezes por semana na própria residência da mentora. O ponto mais importante da apresentação é a encenação protagonizada pela personagem da “Borboleta”. Apresentam-se no encontro cultural do município, além de receberem alguns convites para irem a cidades próximas como Santana do São Francisco e Neópolis, bem como no Encontro Cultural realizado no município de Laranjeiras (SE), local preferido pelas brincantes, em face da postura entusiasmada do público. Em algumas ocasiões recebem cachê por suas apresentações, o qual é dividido entre as integrantes dos grupos, bem como utilizado para sanar despesas inerentes às vestimentas utilizadas. Sobre o envolvimento da comunidade com tal forma de expressão, a entrevistada percebe que muitas vezes é o reflexo do próprio incentivo dado pelo poder público, o qual nos últimos anos tem prestado maior atenção, divulgando-o no âmbito da semana cultural. Porém, faz questão de reconhecer que em tempos antigos a comunidade se envolvia e valorizava de forma muito mais enfática se comparado aos dias atuais.											
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Pastoril de Propriá_Eprovideo_Propriá-SE_02-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Pastoril de Propriá_Eprovideo_Propriá-SE_02-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Pastoril de Propriá_Eprovideo_Propriá-SE_02-02-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Retrato Soninha-Pastoril de Propriá_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Sônia Santos Pontes_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_17-06-2012_17m25s.wave				Nº298 A 301, 506		Cf. Anexo 2					
CONTATOS	Sônia Santos Pontes (“D. Soninha”)				Nº25		Cf. Anexo 4					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Guerreiro de São Benedito				IDENTIFICADO		43	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☒ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Ciclo Junino e Natalino	LUGAR	Sede (Propriá)				
DESCRIÇÃO	Auto de natal que traz em sua dinâmica elementos inerentes ao reisado, a memória local refere sua não mais vigência em Propriá há aproximadamente 15 anos. Dos motivos que se deram para que o grupo Guerreiro de São Benedito não mais prosseguisse com as atividades, foi relatado por Sônia Santos Pontes que a falta de envolvimento da comunidade e do próprio poder público foram considerados pela maioria dos integrantes, desestimulando-os. A entrevistada, antiga executante e também mentora do grupo pastoril das crianças, conta que o Guerreiro sempre configurou-se como uma das formas de expressão mais tradicionais do município, presença garantida nas festas de final de ano, bem como no ciclo junino, período bastante importante culturalmente.							
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Sônia Santos Pontes_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_17-06-2012_17m25s.wave				Nº506	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Sônia Santos Pontes ("D. Soninha")				Nº25	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Cangaceiros Novos Lampiões				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		44
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Carnaval, Ciclo Junino, Semana Cultural	LUGAR	Sede (Propriá)			
DESCRIÇÃO	Fundado em 1972, o grupo “Cangaceiros Novos Lampiões” é referido pela maioria dos habitantes do município de Propriá como sendo uma das principais referências de bem cultural. Líder, fundador e executante, Antônio José, também chamado de Novo Lampião em razão do grupo, nosso informante nos diz que o início das atividades se deu juntamente com seu pai, de mesmo nome, e um amigo conhecido no local como Antônio Tenista. O grupo no início era formado por 30 pessoas, que se reuniam no carnaval para simular os assaltos realizados por bandos de cangaceiros, fortemente presentes na memória social local. O dinheiro arrecadado servia para custear a bebida consumida após as incursões do grupo. Encenam situações vivenciadas pelos cangaceiros, como intimidar moradores nas ruas por onde passam, roubar mulheres para dançar, conseguir dinheiro ameaçando os moradores dos locais por onde passam com as espingardas. Ao término do cortejo nas ruas, reúnem-se para dançar xaxado, xote, baião e marcha, ao som de sanfona e cantor. Esta dinâmica de apresentação ocorre de forma espontânea, como brincadeira desenvolvida pelos membros do grupo, a qual é modificada por ocasião de convite para apresentação com dia e tempo marcados, tanto no próprio município quanto em municípios vizinhos. Nesse caso, a brincadeira começa com música e dança nos ritmos supracitados, em que a simulação do ataque se dá com a própria plateia quase em forma de improviso. Em alguns momentos, “roubam” moças da plateia “obrigando-as” a fazer pares com elementos do “bando”. Cumprir destacar ainda que durante muitos anos o grupo realizava, de forma espontânea, visitas a cidades próximas simulando ataque de cangaceiros, em que alguns populares demonstravam medo e apreensão em virtude da presença do grupo, por se convencerem da veracidade das encenações feitas pelo “bando”. A maioria das cantigas é de composição dos próprios integrantes, principalmente de seu líder, já totalizando vinte composições, e a que mais atrai a atenção do público tem por nome “Vida Corrida”, em ritmo de baião, a qual narra o cotidiano da vida na roça, baseado na convivência dos próprios integrantes, bem como cita as principais cidades onde costumam realizar a atividade. Justifica que as composições são necessárias até mesmo para ser fiel ao passado do grupo dos verdadeiros cangaceiros que se divertiam ao som de músicas compostas por integrantes do bando. Músicas de forró tradicionais são proferidas, com o destaque para o repertório deixado por Luiz Gonzaga. A indumentária é composta por calça, punhal, cartucheira, chapéu de couro, bornais e camisa de manga comprida. O entrevistado deixa claro que o grupo fundado no início da década de 1970 deu continuidade às atividades desenvolvidas por outro anterior. Aqueles desempenhavam, desde meados do século XX, encenações que remetiam ao universo simbólico-cultural do cangaço. O líder do grupo atual informa ainda que as razões preponderantes para o desenvolvimento de tal forma de expressão se deram a partir do fascínio exercido pelas histórias de cangaceiros que seu pai lhe contava, mais os filmes sobre tal temática que via quando criança e adolescente, inclusive se baseando nestes para criar as dramatizações presentes na apresentação. O público reage com bastante entusiasmo e animação, inclusive reproduzindo os passos do xaxado, ponto mais alto da apresentação. Além do município de Propriá e cidades vizinhas, o grupo faz-se presente todos os anos no Encontro Cultural de Laranjeiras, local em que se sentem muito bem recebidos graças à intensidade do entusiasmo do público.						
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Antonio José (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_10-05-2012_20m52s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Antonio José (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_10-05-2012_01m46s.wave				Nº508 E 509	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Antônio José de Oliveira				Nº22	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Trio Pé de Serra				IDENTIFICADO		45		
	☒ SIM	☐ NÃO							
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO								
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA								
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual, com ênfase no ciclo junino	LUGAR	Sede (Propriá)					
DESCRIÇÃO	Zabumba, Triângulo e Sanfona são os instrumentos tocados pelos tocadores do Trio Pé de Serra, resultando no ritmo referido pela fala nativa como o que mais exerce identificação simbólico-cultural. Mais de vinte trios pé de serra foram citados por Edjânio Francisco da Silva e vale destacar que são eles que comandam os principais festejos do período junino em Propriá.								
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Trio Pé de Serra_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012.jpeg V-Baixo São Francisco_Quadrilha de Matuto_Trio Pé de Serra (parte 1)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_01m48s.avi V-Baixo São Francisco_Quadrilha de Matuto_Trio Pé de Serra (parte 2)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_04m05s.avi A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edjânio Francisco da Silva (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_16-06-2012_22m47s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edjânio Francisco da Silva (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_16-06-2012_01m20s.wave				Nº297; 470 E 471; 510 E 511	Cf. Anexo 2			
CONTATOS	Edjânio Francisco da Silva				Nº26	Cf. Anexo 4			

DENOMINAÇÃO	Banda de Pífano				IDENTIFICADO		46		
	☒ SIM	☐ NÃO							
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO								
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA								
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Festa do Bom Jesus dos Navegantes	LUGAR	Margens do Rio São Francisco (Propriá)					
DESCRIÇÃO	A performance musical da Banda de Pífano acompanha os festejos do Bom Jesus dos Navegantes, e consiste na execução do pífano – instrumento semelhante à flauta confeccionado com madeira colhida no próprio município – junto aos instrumentos do zabumba e caixa. Em número de oito componentes, o grupo atual dá continuidade a atividades já realizadas por gerações mais antigas o que evidencia a forma de expressão como tradicional em Propriá. Cumpre ainda destacar que a maioria dos executantes tem por profissão a pesca artesanal, demonstrando uma estreita relação simbólica com o Rio São Francisco, cantado nas apresentações. Sobre a relação com o público, foi relatado por Edjânio Francisco da Silva que este não mais apresenta o mesmo entusiasmo que em tempos anteriores, principalmente as gerações mais jovens, as quais demonstram maior envolvimento com as apresentações de axé music que acontecem concomitantemente à apresentação de pífano. Tal situação é profundamente lamentada pela fala do informante.								
REGISTROS	A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edjânio Francisco da Silva (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_16-06-2012_22m47s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edjânio Francisco da Silva (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_16-06-2012_01m20s.wave				Nº510 E 511	Cf. Anexo 2			
CONTATOS	Edjânio Francisco da Silva				Nº26	Cf. Anexo 4			

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Candomblé				IDENTIFICADO		47
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐						
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Semana Cultural, Dia da Consciência Negra	LUGAR	Praça de eventos (Propriá)			
DESCRIÇÃO	Reflexo do sincretismo religioso entre a tradição católica e as religiões afro-brasileiras praticadas no município de Propriá de maneira intensa, o grupo de Candomblé formado por adolescentes, mulheres em sua maioria, se propõe a apresentar e representar temáticas importantes como a identidade, a oralidade e a tradição de seus antepassados. Vale ressaltar que as danças africanas sofreram recriações ao longo dos tempos e nas diferentes regiões do país, sendo executadas no município por meio da mescla entre os ritmos e os passos executados pela folia dos reis, batuque e capoeira. A sonoridade é realizada através de tambores e berimbau. Apresentam-se todos os anos durante a Semana Cultural, assim como também durante as comemorações da consciência negra que ocorrem em novembro. A comunidade afro-descendente é, de fato, a que mais se envolve com tal forma de expressão, inclusive viabilizando-o. Ivo Eval, Abílio dos Santos e José Roberto relatam que nos últimos anos o poder público municipal tem lhes dado maior incentivo, inserindo-os nas apresentações da semana cultural. Porém, reclamam que as autoridades políticas se deixam levar por preconceitos advindos de questões religiosas, prejudicando suas atividades.						
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Candomblé (parte 1)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_01m34s.avi V-Baixo São Francisco_ Candomblé (parte 2)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_01m10s.avi V-Baixo São Francisco_ Candomblé (parte 3)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_02m57s.avi V-Baixo São Francisco_ Candomblé (parte 4)_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012_03m54s.avi				Nº463 A 466	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ivo Eval Nascimento; Abílio dos Santos; José Alberto Amorim				Nº21, 28, 30	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS					SE	01	02	12	F1-	08
--------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

2.4. LUGAR

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Prainha do Antigo Urubu de Baixo				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		48
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Margem do Rio São Francisco (Amparo do São Francisco) / Povoado Borda da Mata (Canhoba) / Povoado Escorial (N. S. de Lourdes) / Sede (Telha)			
DESCRIÇÃO	A Prainha de Amparo do São Francisco é conformada pela paisagem natural, entrecortada pelo rio e formada por vegetação composta por mangueiras, coqueiros e bananeiras. É neste local que muitos pescadores e canoieiros realizam as atividades cotidianas de pesca e transporte de pessoas entre os estados de Sergipe e Alagoas, e entre os municípios de Canhoba e Amparo do São Francisco. O lugar existe como espaço praticado para entretenimento e lazer há mais de 20 anos em Amparo do São Francisco e desde a fundação de Canhoba. É apropriado para diversos usos cotidianos em que se observa a sociabilidade dos moradores, o uso do rio pelas lavadeiras de roupas, crianças tomando banho de rio praticando natação, jovens praticando esportes, lavagem de animais e as canoas atracadas. Em Amparo do São Francisco, diferentemente de Canhoba, é também um espaço para usos comerciais e de visitação, pois dispõe de alguns bares que ficam praticamente à margem do rio. Na sede, os bares não são padronizados, mas atualmente encontra-se em execução a sua padronização pela prefeitura, no mesmo local, embora um pouco mais afastados do rio (os critérios adotados pela prefeitura não são conhecidos pelos pesquisadores, pois não sabemos se seguem alguma indicação do IBAMA ou ADEMA, por exemplo). Na Prainha ocorrem alguns importantes eventos para este município: Procissão do Bom Jesus dos Navegantes, Corrida de Canoas e Carnaval. Já na encosta do povoado de Crioulo é possível vislumbrar a formação de outras praias e croas devido ao terreno acidentado e que acompanham o curso do Rio São Francisco, conformando uma bela paisagem para vista do por do sol. Em Nossa Senhora de Lourdes, é conhecida como Praia do Machadinho, e há apenas um bar no local. Os moradores visitam a prainha com frequência e os jovens costumam praticar esportes no local. Não foi observado outros usos como as de lavadeiras de roupas, canoas etc. Já em Telha é chamada de Praia da Adutora devido à presença de uma adutora da Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO). Antes o local era apenas apropriado para usos cotidianos como lavar roupas, tomar banho de rio, pescar, navegar etc. Mas alguns usuários da prainha sempre levavam alguma caixa de isopor para beber cerveja, água, água de coco e, com a demanda, houve a primeira construção de barraca em palha no local. Ao todo eram 3 barracas, quando houve novas edificações, chegando a ter em média 10 barracas de palha. Assim, com a intervenção de um projeto da prefeitura, da associação de pescadores e do Banco do Nordeste, há 16 anos houve o erguimento de bares padronizados, permanecendo assim até os dias atuais. Os usos recorrentes, além do lazer de finais de semana, são também verificados durante épocas festivas como o Carnaval onde há a presença de grande número de pessoas a acompanhar trios elétricos. No entanto, os comerciantes reclamam da falta de estrutura para o local e desejam que a prefeitura apoie com a pavimentação do acesso, a construção de banheiros adequados, segurança etc. Em torno de 8 anos houve uma enchente; a água do rio inundou diversos bares e derrubou 2 ou 3 bares. Outro problema decorre de um conflito entre os municípios de Telha e Propriá quanto à demarcação da divisa territorial e que relaciona-se ao o território da prainha, o qual a prefeitura de Propriá alega ser anexo ao município.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_10-02-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_10-02-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_10-02-2012_03.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_10-02-2012_04.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Amparo do São				Nº117 A 126; 130 A 136; 162 A 164; 195 A 201; 461 A 462		Cf. anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
--------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

	Francisco-SE_10-02-2012_05.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_17-06-2012_01.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_17-06-2012_02.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_17-06-2012_03.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_17-06-2012_04.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha_Souza, Eder_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_17-06-2012_05.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Borda da Mata_Souza, Eder_Canhoba-SE_21-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Borda da Mata_Souza, Eder_Canhoba-SE_21-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Borda da Mata_Souza, Eder_Canhoba-SE_21-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Borda da Mata_Souza, Eder_Canhoba-SE_21-06-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Borda da Mata_Souza, Eder_Canhoba-SE_21-06-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Borda da Mata_Souza, Eder_Canhoba-SE_21-06-2012_6.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Borda da Mata_Souza, Eder_Canhoba-SE_21-06-2012_7.jpeg F-Baixo São Francisco_Praia do Machadinho do Pov. Escurial_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Praia do Machadinho do Pov. Escurial_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Praia do Machadinho do Pov. Escurial_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Acesso a Prainha da Adutora_Souza, Eder_Telha-SE_18-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha da Adutora_Souza, Eder_Telha-SE_16-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha da Adutora_Souza, Eder_Telha-SE_16-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha da Adutora_Souza, Eder_Telha-SE_16-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha da Adutora_Souza, Eder_Telha-SE_16-06-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha da Adutora_Souza, Eder_Telha-SE_16-06-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Prainha da Adutora_Souza, Eder_Telha-SE_16-06-2012_6.jpeg V-Baixo São Francisco_Entrevista José Ferreira de Mello (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Telha-SE_18-06-2012_09m35s.avi V-Baixo São Francisco_Entrevista José Ferreira de Mello (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Telha-SE_18-06-2012_03m50s.avi		
--	---	--	--

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	Edmilson Santos; Marliene Santos; José Roberto Santos Menezes; Roseli Santos; José Ferreira de Mello	Nº1,8,12, 18 E 19	Cf. Anexo 4
-----------------	--	-------------------	-------------

DENOMINAÇÃO	Cachoeira Poção de Pedras				IDENTIFICADO		49
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Barro Vermelho (N. S. de Lourdes)			
DESCRIÇÃO	A Cachoeira Poção de Pedras também conhecida como Cachoeira de Lourdes, fica localizada no povoado Barro Vermelho, em Nossa Senhora de Loures. A altura da Cachoeira Poção de Pedras é de aproximadamente 15 metros e é apropriada para a prática de rapel e para banhos, pois suas águas não são salobras. É lugar, tanto por sua beleza natural, formada por uma paisagem entre rochas, cachoeira, muitas árvores, arbustos e diversas espécies de plantas, quanto pelas relações entre homem e natureza. Para se chegar na “queda d’água” entre as rochas que formam uma bela serra, é preciso fazer uma trilha seguindo o córrego da nascente da cachoeira. O lugar é limpo embora seja espaço de lazer e sociabilidade para os habitantes dos municípios de Canhoba e Nossa Senhora de Lourdes. Seu acesso é pela SE-200, seguindo uma estrada de piçarra até uma área cercada, numa propriedade particular. Este caminho leva também ao Rio São Francisco, somente a pé, numa distância aproximadamente de 15 Km. No entanto é preciso ir por dentro da vegetação. A área é preservada e aparenta ser um espaço zelado pelos usuários.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Cachoeira Poção das Pedras_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Cachoeira Poção das Pedras_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Cachoeira Poção das Pedras_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Cachoeira Poção das Pedras_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Cachoeira Poção das Pedras_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Cachoeira Poção das Pedras_econativus.blogspot.com.br_Nossa Senhora de Lourdes-SE_07-2009_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Cachoeira Poção das Pedras_econativus.blogspot.com.br_Nossa Senhora de Lourdes-SE_07-2009_2.jpeg V-Baixo São Francisco-Cachoeira Poção de Pedras_Souza, Eder e Andrade, Elza Nossa Senhora de Lourdes_20-06-2012.avi				Nº174 A 180, 458	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Roberto Santos Menezes				Nº12	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Praça Luiz Gonzaga				IDENTIFICADO		50
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anos 1950 - atual	LUGAR	Praça Luiz Gonzaga - Centro (Propriá)			
DESCRIÇÃO	Na década de 1950, o sanfoneiro Luiz Gonzaga visitou muitas vezes o Estado de Sergipe e, devido ao seu vínculo com a população local, em 1955 o município de Propriá inaugurou a primeira praça do Brasil que ganhou o nome do artista. Além da praça, neste dia a população de Propriá assistiu a um show de Luiz Gonzaga, na mesma ocasião em que ele conheceu a forrozeira Marinês, num encontro que foi fundamental para a carreira desta sergipana. O vínculo de Luiz Gonzaga com Propriá era tão forte que ele chegou a compor uma música em sua homenagem. <i>“Propriá”</i> <i>Tudo que eu tinha deixei lá não trouxe não/ Deixei o meu roçado plantadinho de feijão/ Deixei a minha mãe com o meu pai e meus irmãos/ E com a rosinha eu deixei meu coração/ Por isso eu vou voltar pra lá/ Não posso mais ficar/ Rosinha ficou lá em Propriá/ Aiai, uiui, eu tenho que voltar/ Aiai, uiui, a minha vida tá todinha em Propriá...”</i> (Fonte: http://www.tribunadapraiaonline.com/news/luiz-gonzaga-e-propria-identidade-nordestina-e-festejada-no-dia-nacional-do-forro/. Acesso em: 23 de Junho de 2012.) A praça possui planta de partido triangular, sendo duas de suas faces delimitadas pelo sistema viário, enquanto que a outra é demarcada por duas edificações residenciais particulares. O seu piso está nivelado um pouco acima das ruas circundantes e apresenta pavimentação cimentada na sua maior extensão. Onde não é cimentado, constitui canteiros ajardinados elevados em relação ao nível do solo em trinta centímetros. Os canteiros são estremados por muretas de alvenaria de tijolos e revestidos com vegetação gramínea, contando também com alguns poucos arbustos. Há quatro árvores dentro do perímetro da praça, todas de médio porte. A iluminação do espaço é realizada por postes metálicos com fiação subterrânea. O mobiliário urbano é constituído de bancos de alvenaria que se integram às muretas dos canteiros. São pintados de vermelho e azul escuro. Ela não exibe nenhuma estrutura de fechamento, sendo possível acessá-la a partir das ruas do entorno. Os usos atuais desta praça perpassam o cotidiano e os dias festivos como a época de São João em que quadrilhas ensaiam e apresentam-se no lugar.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Praça Luiz Gonzaga_Souza, Eder_Propriá-SE_16-06-2012.jpeg				Nº289	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	José Alberto Amorim	Nº30	Cf. Anexo 4
-----------------	---------------------	-------------	-------------

DENOMINAÇÃO	Orla de Propriá				IDENTIFICADO		51	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐							
CONDICÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede (Propriá)				
DESCRIÇÃO	Situada na Av. Graccho Cardoso, este antigo espaço de sociabilidade foi revitalizado entre os anos de 2010 e 2011 pela municipalidade de Propriá. Agrega grande parte do fluxo cotidiano tanto no calçadão quanto na prainha. A estrutura da Orla tem um calçadão de 1.200 metros, jardineiras, árvores, iluminação, quiosques, lanchonete, área de lazer, muro de contenção e um atracadouro. É possível observar crianças brincando e correndo pelo calçadão, idosos jogando dominós e carteados, jovens assistindo a partidas de futebol. Na prainha há somente bares e um pequeno banco de areia, mas os usos são diversificados, inclusive em contrariedade ao meio-ambiente, pois os moradores lavam veículos e animais utilizando produtos químicos.							
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Propriá-SE_09-02-2012_6.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Propriá-SE_18-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Orla_Souza, Eder_Propriá-SE_18-06-2012_2.jpeg				Nº268 A 275		Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Alberto Amorim				Nº30	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Feira de Propriá				IDENTIFICADO		52
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☒ LUGAR ☐						
	Ofício						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede (Propriá)			
DESCRIÇÃO	A Feira de Propriá ocorria tradicionalmente aos sábados, mas pelo elevado fluxo de pessoas do Baixo São Francisco e outras regiões que para o lugar se deslocam a feira passou a ser realizada todos os dias da semana (exceto aos domingos). O diferencial da Feira de Propriá é que normalmente as feiras-livres são mercados periódicos nos quais são vendidos diversos produtos. Contudo esta feira acontece de modo inverso e tornou-se lugar de consumo e sociabilidade também. Em seu espaço é possível encontrar diversos produtos locais como os bolos e doces artesanais, além de serviços gerais como barbeiros, fotógrafos, dentistas, relojoeiros etc. De acordo com Carlos R. Britto Aragão, <i>"A feira de Propriá se constitui, desde a sua efetivação com o progresso da então Vila, como um grande mercado periódico, exercendo influência em vários municípios sergipanos e alagoanos"</i>. (OLIVEIRA, AGAMENON G. A Feira de Propriá/SE e sua tradição no Baixo São Francisco - Um estudo geográfico. Revista GeoNordeste, N.1. Edição Especial, 1992.). Para Oliveira (1992, p.33), <i>"A cidade de Propriá tem em sua feira um atrativo tanto para centros urbanos e rurais próximos como também para idênticos centros localizados fisicamente distantes. É a questão da oferta e da procura através da comercialização realizada nos dias de feira (de segunda-feira a sábado), sobretudo no dia da tradicional feira do sábado"</i>. Porém o sábado é considerado o dia simbólico e oficial da feira por agregar vários sentidos: não ser dia útil, possibilitar o fluxo de alagoanos para Propriá, ser um costume de fins de semana.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				SE	01	02	12	F1-	08
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_1.jpeg	Nº238 A 251	Cf. Anexo 2						
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_2.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_3.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_4.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_5.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_6.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_7.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_8.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_9.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_10.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_11.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_12.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_13.jpeg								
	F-Baixo São Francisco_Feira_Souza, Eder_Propriá-SE_10-02-2012_14.jpeg								
CONTATOS	José Alberto Amorim			Nº30	Cf. Anexo 4				

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

2.5. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

DENOMINAÇÃO	Ofício de Rezadeira / Benzedeira no Antigo Urubu de Baixo				IDENTIFICADO		53
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Comunidade Quilombola Lagoa dos Campinhos (Povoado Crioulo) (Amparo do São Francisco) / Povoado Caraíbas (Canhoba)			
DESCRIÇÃO	Muito requisitadas nos municípios de Amparo do São Francisco e Canhoba, as rezadeiras/benzedeiras são consideradas pelos moradores como a primeira opção a ser chamada em caso de dor física ou doenças consideradas de motivo espiritual como “olhado”, “quebranto”, “vento virado”, muito comuns no universo simbólico-cultural ali existente. Resultado do sincretismo religioso entre as tradições católica, africana e indígena, as benzedeiras utilizam por método principal a pronúncia de orações católicas, principalmente o Pai Nosso e a Salve Rainha, junto a ramos de folhas. O saber é empírico e tido como um dom nascido com elas, sendo assim, impossível ser ensinado. Casos de cura a dores físicas foram relatados, e a entrevistada, executante da prática, informou que nada deve ser cobrado em troca dos benzimentos.						
REGISTROS	V-Baixo São Francisco_Benzedeira (Parte 1)_Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_04m46s.avi V-Baixo São Francisco_Benzedeira (Parte 2)_Andrade, Elza_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_03m04s.avi				Nº453 E 454	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Maria do Socorro Santana; Xifronese Santos				Nº2, 10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício da Pesca Artesanal no Antigo Urubu de Baixo			IDENTIFICADO		54
				☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Comunidade Quilombola Lagoa de Campinhos (Povoados São José, Lagoa Seca, Pontal e Crioulo) (Amparo do São Francisco) / Povoados (N. S. de Lourdes) / Rio São Francisco (Propriá)		
DESCRIÇÃO	O Ofício da Pesca praticada nos municípios de Amparo do São Francisco, Nossa Senhora de Lourdes e Propriá é do tipo artesanal, caracterizada pelo uso ou não de canoas e pela mão de obra familiar. Os peixes comumente pescados são Pirás, Piracemas, Bagres, Bambás, Piranhas, Tucunarés, Tilápias e Piaus. Pesca-se com o auxílio de equipamentos rudimentares como a rede de cerco, o arrasto simples e duplo, a tarrafa, o tresmalho, a linha e anzol. Na pesca do camarão, usa-se o covo - espécie de redil de pesca formado por esteiras confeccionadas em madeira. Sobre o aprendizado do ofício de pescador, a maioria tem seus primeiros contatos ainda adolescente ao acompanhar seus familiares na pescaria. A atividade tem por finalidade a subsistência, sendo que o pequeno excedente é vendido no município. A colônia de pescadores, localizada próximo às margens do rio, tem por principal função o registro dos pescadores para fins de subsídio financeiro à época do defeso, funcionando também como local de comercialização. Atualmente, desponta como uma atividade complementar para o sustento das famílias, já que, segundo os depoimentos colhidos no âmbito da pesquisa de campo, não há mais como sobreviver da pesca em face do assoreamento do rio e da consequente dificuldade de navegação. Faz-se importante considerar que tal atividade é realizada na lagoa de Campinhos, a qual é referenciada como a única lagoa do país formada a partir das águas do rio São Francisco.					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS		SE	01	02	12	F1-	08
--------------------------------------	--	----	----	----	----	-----	----

REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Povoado Escurial_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Tecimento em Rede de Pesca_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Tecimento em Rede de Pesca_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 1)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_20m42s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 2)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_08m06s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 3)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_13m26s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Edmilson Santos (parte 4)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Povoado Crioulo_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_048m29s.wave A-Baixo São Francisco_Entrevista-Luiz Gonzaga Rodrigues_Andrade, Elza_Propriá-SE_17-06-2012_04m29s.wave	Nº161,17 2,173; 494 A 497; 512	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Edmilson Santos; Evânio Rodrigues de Melo; Luiz Gonzaga Rodrigues	Nº1; 14; 31	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer do Ponto de Cruz no Antigo Urubu de Baixo			IDENTIFICADO		55	
				☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede e povoado Crioulo (Amparo do São Francisco) / Sede e Povoado Caraíbas (Canhoba) / Povoado Escorial (N. S. de Lourdes) / Sede (Telha) / Sede e Povoados (Propriá)			
DESCRIÇÃO	Enquanto matéria-prima para o Modo de Fazer do Ponto de Cruz, são necessários o pano étamine (que já possui quadradinhos onde o bordado deverá ser feito), linha de diversas cores e agulha. A técnica baseia-se na confecção de pontos transversais abertos nos “quadrados” do pano, começando sempre da direita para a esquerda, para, em seguida, retornar cruzando tais pontos no sentido inverso. A bordadeira realiza pontos (cada ponto corresponde a uma cruz) de modo a reproduzir o desenho que observa na “mostra” ou modelo que objetiva alcançar. Os resultados ilustram flores, animais, nomes próprios e variados desenhos. O bordado é utilizado em enxovais, artigos de decoração e até peças de vestuário. O destaque das peças produzidas no município se dá no feitiço do chamado ponto perfeito, caracterizado pela inexistência de alinhavos na parte de traz do tecido, o que lhe dá forte apelo estético e de alta qualidade. Este é tido como um dos pontos mais minuciosos desse tipo de bordado, o qual é conseguido graças ao cruzamento da linha nos dois lados do pano étamine. Confeccionam passadeiras, toalhas de mesa, colchas, panos de bandeja. A atividade é considerada uma das maiores expressões artesanais de Propriá, sendo referência em todo o estado como um pólo de confecção. A prática, predominantemente feminina, acontece em meio aos processos de herança cultural, nos quais o aprendizado se dá de forma espontânea desde tempos de infância. Grande parte da comercialização ocorre no município, seja em ponto fixo - aos domingos nos fundos da Igreja Católica – ou mesmo através de encomendas. Cumpre destacar que a maioria das peças é comprada por mulheres da cidade vizinha de Cedro de São João, as quais levam os artigos para a capital do Estado e revendem por um preço muito acima daquele pago anteriormente. Tal informação é vista pelas bordadeiras como uma condição negativa para sua prática, já que empregam mão-de-obra e material, lucrando muito pouco em relação às compradoras de Cedro de São João. Perguntadas sobre a possibilidade de aumentar os preços dos artigos, elas informam que se sentem reféns de tal ciclo de comercialização, já que, muitas admitem a venda das peças em face da necessidade financeira que lhe é inerente, submetendo-se a tais demandas. No caso de Amparo de São Francisco, o trabalho não tem sido remunerado e isso tem provocado o crescente abandono da prática. Analice Alves da Silva Dórea informa ainda que a comunidade do próprio município tem cada vez mais deixado de consumir peças em ponto de cruz e que isso é um sinal da desvalorização do ofício. Em Canhoba, deve-se destacar que a prática encontra-se em declínio, como consequência da falta de possibilidades de ganhos com sua comercialização. Já as bordadeiras de Nossa Senhora de Lourdes e Telha reclamam os baixos preços pagos pelas peças confeccionadas, condição que tem provocado o abandono da prática por muitas mulheres, bem como dificultado os processos de herança cultural, já que as garotas não vêm na prática a possibilidade de ganhos necessários à sua sobrevivência. Sônia Santos Pontes informa ainda que já houve associação, contudo não deu certo.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Ponto de Cruz_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Ponto de Cruz_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Ponto de Cruz-Ponto-Perfeito_Souza, Eder_Amparo do São Francisco-SE_19-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê e Ponto de Cruz_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Bordadeiras de Redendê e Ponto de			Nº96 A 98; 148; 157 A 160; 266, 267			Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	Cruz_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Bordadeiras de Redendê e Ponto de Cruz_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Escurial_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Povoado Escurial_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Ponto de Cruz_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Passadeira com Crochê e Ponto de Cruz_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012.jpeg		
CONTATOS	Analice Alves da Silva Dórea; Delorizano Torris Oliveira; Rita Barbosa de Jesus; Maria Dias da Mota ("Maria de Cláudio"), Therezinha de Melo Serafin; Sônia Santos Pontes ("D. Soninha")	Nº4, 11, 15, 20, 23, 25	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer do Redendê no Antigo Urubu de Baixo				IDENTIFICADO		56
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede (Amparo do São Francisco) / Sede (Canhoba) / Povoado Escurial (N. S. de Lourdes)			
DESCRIÇÃO	Feito à mão, com agulha, em pano étamine e utilizando como suporte um bastidor (círculo de madeira), o Modo de fazer do Redendê constitui um dos bordados mais executado nos municípios de Amparo do São Francisco, Canhoba e Nossa Senhora de Lourdes. A estética do bordado se dá na formação de figuras geométricas, como triângulos, retângulos e quadrados, que se unem formando continuidades de modo a preencher o tecido utilizado. Os pontos mais referidos foram o ponto “cocadinha” (retângulo), “tecimento”, “corrente” e “pé de galinha” (em forma de cruz); este, por exigir menos minúcia em seu feitiço, constitui preferência quanto ao feitiço. Em algumas peças, são incluídos bordados em ponto de cruz, de modo a combinar os dois modos de fazer em artigos como passadeiras, toalhas de mesa, colchas, panos de bandeja, porta copos etc. As bordadeiras em Amparo do São Francisco e Nossa Senhora de Lourdes realizam a comercialização predominantemente em Propriá, com comerciantes da cidade vizinha de Cedro de São João. Reclamam não haver ganhos significativos com tal comercialização. Informam ainda que a população do município cada vez mais tem demonstrado desinteresse para com a prática. Já a incipiente comercialização de Canhoba acontece no próprio município, porém a maioria das peças confeccionadas se destina ao consumo próprio. As poucas possibilidades de comercialização têm provocado o abandono da prática por algumas bordadeiras, bem como interrompido os processos de ensino da prática às novas gerações.						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Redendê e Ponto de Cruz_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_6.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_7.jpeg F-Baixo São Francisco_Redendê_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_8.jpeg F-Baixo São Francisco_Bordadeiras de Redendê e Ponto de Cruz_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Bordadeiras de Redendê e Ponto de Cruz_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg	Nº148 A 158	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Analice Alves da Silva Dórea; Delorizano Torris Oliveira; Rita Barbosa de Jesus	Nº4, 11, 15	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer do Fuxico em Amparo do São Francisco				IDENTIFICADO		57
					☒ SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual		LUGAR	Sede do município (Amparo do São Francisco)		
DESCRIÇÃO	“Primeiro você corta um círculo de tecido, depois costura para formar uma bolinha, aí depois é só juntar com as outras até chegar no desenho que você deseja”, assim refere Analice Alves da Silva Dórea sobre o Modo de Fazer do Fuxico que realiza. O aprendizado se deu a poucos anos, em curso oferecido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE em parceria com a Prefeitura de Amparo do São Francisco. Das artesãs que continuaram a desenvolver a prática após o término do curso, a maioria vinculou-se à associação criada por iniciativa do próprio SEBRAE, até hoje em vigência no município. Focalizando a geração de renda entre as artesãs, a associação passou a fornecer material, bem como assumiu a função de atravessadora na comercialização.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Analice Alves da Silva Dórea				Nº4	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer da Renda de Bilro no Antigo Urubu de Baixo				IDENTIFICADO		58	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Caraíbas (Canhoba) / Povoado Escurial (N. S. de Lourdes)				
DESCRIÇÃO	Herança europeia, a Renda de Bilro é executada através de pequenos paus de madeira, alfinetes e almofada dura (o rebolo), alocada sobre um suporte de madeira. As peças confeccionadas são almofadas, toalha de banho, roupas, panos de bandeja. A fala de Delorizano Torres não soube referir sobre as prováveis origens do ofício em Canhoba, porém destacou que poucas mulheres do município ainda desempenham a prática. Em Nossa Senhora de Lourdes, Rita Barbosa de Jesus refere que há muitos anos houve a incidência da renda de bilro. Sua origem local parece estar relacionada à presença de mulheres vindas de municípios próximos localizados no Estado de Alagoas. Esta condição remete, tal como já verificou-se em outros bens culturais, a premissa de que o rio São Francisco une os Estados de Sergipe e Alagoas não somente geograficamente, mas também culturalmente, através do fluxo de indivíduos.							
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Delorizano Torres Oliveira; Rita Barbosa de Jesus				Nº11, 15	Cf. Anexo 4		

DENOMINAÇÃO	Modo de fazer do Bordado de Fita em Canhoba				IDENTIFICADO		59	
					☒ SIM	☐ NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Caraíbas (Canhoba)				
DESCRIÇÃO	Após um curso realizado na associação comunitária do povoado Caraíbas, em Canhoba, algumas mulheres passaram a executar o chamado Bordado de Fita que consiste na aplicação e tecimento de fitas de cetim em tecidos. Os pontos mais executados são o “nó”, a “margarida” e o “nó com margarida”. As peças predominantemente produzidas são passadeiras e toalhas de banho. A comercialização se dá através de atravessadoras vindas de municípios próximos, as quais fornecem o material em troca da mão de obra, restando às artesãs incipientes lucros. Tal condição tem gerado a desistência do ofício, já que, tal como refere Xifronese Santos, para as mulheres do povoado, a razão primordial da prática é a possibilidade de ganhos financeiros.							
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Xifronese Santos				Nº10	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Mestre Canoeiro e Artesão (Miniaturas de Embarcações)				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		60
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Povoado Escurial (N. S. de Lourdes)			
DESCRIÇÃO	Foi identificado no município de Nossa Senhora de Lourdes o Mestre Canoeiro e Artesão Evânio Rodrigues de Melo, referenciado na região como um dos mestres canoeiros mais solicitados, dada a alta qualidade das embarcações construídas. Autodidata, ele explica que quando criança aprendeu a reproduzir em madeira as embarcações que avistava no rio São Francisco, de modo que na adolescência já dominava o ofício de realizar embarcações aptas à navegação no Rio. Os bens produzidos são a canoa chata, tolda, as balsas e os botes. Estes bens são feitos com uso de técnicas semelhantes de acabamento tanto para canoas de pesca e navegação quanto para as miniaturas. Conta que embora domine o ofício da canoa de tolda, esta não costuma ser solicitada pelos pescadores da região em razão de seu peso não favorecer a navegação na área. Cumpre destacar que em seu ofício o mestre canoeiro utiliza técnica predominantemente artesanal, dispensando o uso de ferramentas elétricas. Até os dias atuais o artesão continua a desenvolver as miniaturas de barcos que realizava na infância, inclusive comercializando os mesmos. O mestre canoeiro já teria repassado o ofício para três jovens de seu povoado. Seu modo de fazer é diferenciado. Evânio possui uma técnica que prioriza os detalhes de cada objeto (barcos, pilão). Destaque disto é que também o mestre produz algumas ferramentas de trabalho, geralmente em madeira. As miniaturas são feitas com tamanhos e modelos diversos. Poderia ser um bem cultural melhor explorado economicamente, sendo este o desejo do artesão que, no entanto, cria as pequenas canoas como fazer cotidiano. Já as embarcações são vendidas e constitui a renda familiar. No entanto, falta apoio e incentivo institucional-financeiro, público ou privado, para criação de um espaço em que este saber-fazer pudesse ser ensinado para a comunidade e contribuir para a preservação de seu ofício.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Fotografia de Evânio Rodrigues de Melo_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Fotografia de Evânio Rodrigues de Melo_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Miniatura de Embarcação_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Miniatura de Embarcação_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Miniatura de Embarcação_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Miniatura de Embarcação_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Miniatura de Embarcação_Souza, Eder_Nossa Senhora de Lourdes-SE_20-06-2012_5.jpeg				Nº165 A 171	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	José Roberto Santos Menezes; Evânio Rodrigues de Melo				Nº12, 14	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício da Culinária no Antigo Urubu de Baixo				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		61
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede do Município (Telha) / Sede e Povoados (Propriá)			
DESCRIÇÃO	Enquanto região ribeirinha, pode-se dizer que o Ofício da Culinária em Telha é fortemente influenciada por condição geográfica, bem como pela mistura das culturas portuguesa, indígena e africana. Peixes e frutos do mar são consumidos através de receitas como Moqueca de Peixe, Moqueca de Camarão, Peixada. Ingredientes vegetais são inseridos em tais receitas, com destaque para o coco, comum na região. Pratos provenientes das tradições indígena, portuguesa e africana, bem como de sua mistura, também fazem parte do cardápio dos seus habitantes, tais como o Arroz Doce, o Baião de dois, Mugunzá, Bolo de Mandioca, Pé de Moleque, Cocada, Cuscuz de Mandioca. Já Propriá, a cidade é referência em todo o Estado na produção de doces típicos da culinária nordestina, com a ênfase para o doce de batata-doce, produto genuinamente local. Dos bolos, o destaque vai para os de arroz, macaxeira, puba e milho, cujos ingredientes principais advém da própria região e, portanto, fazem parte do cotidiano local, bem como do contexto histórico e cultural local, na medida em que tal culinária é o resultado da mistura entre as tradições portuguesa, indígena e africana. Por ser uma atividade laboral de base familiar e não patronal, o feitiço dos bolos se dá na cozinha das casas dos próprios produtores, obedecendo as formulações a seguir. Puba: após ficar de molho 4 a 5 dias, a mandioca é peneirada e posta em saco ou prensa para perder o excesso de água. O que sobra é uma massa branca, a qual denomina-se puba. Misturada a açúcar, coco ralado, cravo da Índia, manteiga e um pouco de água quente, a massa é batida manualmente numa bacia através de colher de pau até ficar homogênea. Macaxeira: após ralada, a macaxeira é espremida num pano de prato a fim de perder o excesso de líquido. Após alguns minutos, transforma-se numa goma, que após secar se transforma em granulações e passa a ser denominada tapioca. A massa contida no pano é colocada numa peneira, sendo misturada a ovos, manteiga, açúcar, cravo da Índia e leite de coco. Nos primeiros momentos, os ingredientes são misturados em fogo brando e depois batidos manualmente através de colher de pau numa bacia até a massa adquirir homogeneidade. Milho: a massa utilizada é obtida após ralar o milho, à qual junta-se leite de coco, manteiga, açúcar, ovos e uma colher de sopa de farinha de trigo. Nos primeiros momentos, os ingredientes são misturados em fogo brando e depois batidos manualmente através de colher de pau numa bacia até a massa assumir homogeneidade. Arroz: o arroz é inicialmente cozido e depois misturado a leite de coco, açúcar, cravo e uma pitada de sal. Em seguida, é colocado para assar. As etapas finais de produção acontecem no fundo das casas, em espaços onde são improvisados fornos de carvão, alguns confeccionados com materiais reutilizados, como latas, por exemplo. Ali, em formas de madeira ou metal, os bolos são assados, em seguida, dispostos em tábuas de madeira a fim de assumir a temperatura ambiente. A comercialização se dá principalmente na feira, que ocorre todos os dias no município, e também através de encomendas solicitadas. Doce de Batata Doce: a batata é cozida na véspera, descascada e passada no moedor para em seguida ser levada ao fogo em recipientes arredondados chamados fornalhas, onde são misturados os demais ingredientes, o coco ralado e o açúcar, onde é mexida até adquirir uma consistência. É disposta em formas e depois embalada para no dia seguinte ser posta para comercializar. Doce de banana e bala de leite são também realizados na pequena fábrica, herança familiar de duas gerações anteriores. Grande parte do processo é manual e é o resultado do que foi aprendido com gerações anteriores. Comercializam no município, na capital do Estado e também no Estado de Alagoas, a exemplo da cidade de Porto Real do Colégio, localizada próximo ao município. A época de maior comercialização se dá no período junino, o que se justifica, segundo Leonardo Oliveira Silva, por tais produtos serem considerados típicos da região.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Culinária_Souza, Eder_Telha-SE_16-06-				Nº202,	Cf. Anexo 2	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Bolo artesanal_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Bolo artesanal_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Fornos artesanais_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Fornos artesanais_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Fornos artesanais_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Fornos artesanais_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_4.jpeg A-Baixo São Francisco_Entrevista-Leonardo Silva(Vovó Felix)_Souza, Eder e Andrade, Elza_Propriá-SE_10-05-2012_16m18s.wave	276 a 281; 513	
CONTATOS	Roseli Santos; Leonardo Oliveira Silva	Nº18, 32	Cf. Anexo 4

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer dos Licores em Propriá				IDENTIFICADO		62
					☒ SIM	☐ NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual		LUGAR	Sede e Povoados (Propriá)		
DESCRIÇÃO	Chocolate, jaboticaba e jenipapo são os principais tipos de licores produzidos e amplamente consumidos principalmente no período junino. Bastante apreciada, a bebida possui um sabor suave e de gosto requintado. É feita utilizando o suco de frutas colhidas na região misturada a uma porcentagem mínima de cachaça, de modo predominantemente artesanal nas próprias residências dos produtores. Apreciada comumente após as refeições, é dita por Therezinha de Melo Serafin como bebida bastante consumida também durante os festejos de São João.						
REGISTROS	Sem referência				Nº	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Therezinha de Melo Serafin				Nº23	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer do Crochê em Propriá				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		63
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede e Povoados (Propriá)			
DESCRIÇÃO	O Modo de Fazer do Crochê trata-se de um tipo de artesanato realizado somente através de agulha, que leva em uma de suas extremidades a forma de um gancho, de modo a formar trançados que produzem peças semelhantes às rendas. Sobre as origens da prática, alguns estudiosos confirmam experiências semelhantes no norte da Europa na Alta Idade Média, porém, outros discorrem tal prática ter sido disseminada por povos advindos do oriente. O fato é que a disseminação do artesanato de forma semelhante à dos dias atuais teria se dado por volta do início do século XIX na França, tendo sido disseminada na América Portuguesa a partir desse período. No município de Propriá, a atividade, de forma análoga ao bordado ponto de cruz, constitui tradicionalmente uma atividade fortemente exercida pelas mulheres ali nascidas desde tempos de infância. Produzem peças como panos de bandeja, porta-copos, passadeiras, colchas e vestuário feminino como vestidos, blusas, saídas de praia. Em alguns casos, confeccionam peças de vestuário customizadas em crochê, ou seja, aplicam um fragmento confeccionado na vestimenta e até mesmo nas barras das passadeiras bordadas através da técnica do ponto de cruz. A comercialização se dá através de encomendas realizadas para uso no próprio município e para atravessadoras da cidade de Cedro de São João.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Blusa em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Blusa em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Blusa em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Blusa em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Blusa em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Blusa em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Bordado em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Bordado em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Colcha em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012.jpeg F-Baixo São Francisco_Pano de Bandeja em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Pano de Bandeja em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Pano de Bandeja em Crochê_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Passadeira com Bordado de Fita_Souza, Eder_Propriá-SE_10-05-2012.jpeg				Nº252 A 265	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Therezinha de Melo Serafin; Sônia Santos Pontes ("D. Soninha")				Nº23 E 25	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ofício das Artes Plásticas de Propriá				IDENTIFICADO ☒ SIM ☐ NÃO		64
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Anual	LUGAR	Sede (Propriá)			
DESCRIÇÃO	O artista Josival Soares inicia comentando que viver de arte é complicado, que a cidade de Propriá é rica em manifestações culturais, mas que pouco é o incentivo e investimento do poder público em relação a estas, principalmente as artes plásticas. Porém, ainda assim, se considera um vitorioso por ser um dos poucos artistas plásticos do município que consegue manter-se financeiramente com seu trabalho, não tendo-a como atividade complementar, caso da maioria dos demais artistas. Explica que a população local não consome artes plásticas seja pela falta de autonomia financeira ou pela não compreensão intelectual dos aspectos simbólico-culturais que compõem sua arte. Faz-se destacar que informante demonstrou em sua fala indignação e descontentamento em relação tanto em relação à postura assumida pelo poder público, quanto pela própria comunidade do município, sua terra natal, os quais parecem não valorizar as ações criativas presentes em seu “saber-fazer”. Salientando que em 2010 foi considerado um dos 10 melhores artistas sergipanos de seu tempo, mas que nem isso lhe rendeu o reconhecimento esperado em sua cidade natal. Os temas que aborda em suas telas são paisagem, religiosos, contemporâneos, e sua grande paixão: o cotidiano do sertanejo. Há ainda o destaque para a captação das expressões de personagens em determinado contexto. Utiliza como técnica a acrílica sobre tela e se considera um pintor impressionista. A matéria-prima utilizada é adquirida na capital do Estado. Origem e trajetória do entrevistado: As inspirações principais que lhe levaram ao ofício se devem, em sua infância, ao contato com referências importantes para as artes plásticas no Estado de Sergipe – conterrâneos do entrevistado – a exemplo de Florival Santos, Álvaro Santos, Antônio Januário, entre outros. Afirmo que o município sempre foi um “celeiro” de artistas, muitos dos quais tiveram que sair para fins de buscar reconhecimento. Começou a pintar com 20 anos de idade, nos anos 1980, quando chocou algumas autoridades religiosas ao confeccionar uma tela que trazia Jesus na cor negra. Foi para a cidade de São Paulo a fim de conhecer a praça da República, local que sempre ouvira dizer ser repleto de artistas plásticos. Garante que foi de onde obteve maior aprendizado graças à sua estadia nas ruas, local onde pintava para conseguir algum dinheiro. Relembra que lá conheceu um pintor polonês que lhe incentivou e ensinou algumas técnicas. Atualmente a maioria de suas telas tem o tamanho de 30 x 40 cm por questões mercadológicas, pois afirma confeccionar telas também de outros tamanhos. A comercialização se dá em galerias de Salvador (BA) e feiras em São Paulo, onde se prepara todos os anos para levar suas telas. Do município recebe algumas poucas encomendas.						
REGISTROS	F-Baixo São Francisco_Artes Plásticas_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_1.jpeg F-Baixo São Francisco_Artes Plásticas_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_2.jpeg F-Baixo São Francisco_Artes Plásticas_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_3.jpeg F-Baixo São Francisco_Artes Plásticas_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_4.jpeg F-Baixo São Francisco_Artes Plásticas_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_5.jpeg F-Baixo São Francisco_Artes Plásticas_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_6.jpeg F-Baixo São Francisco_Artes Plásticas_Souza, Eder_Propriá-SE_17-06-2012_7.jpeg				Nº282 A 288		Cf. Anexo 2

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	SE	01	02	12	F1-	08
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

CONTATOS	Josival Soares Silva Feitosa (“Joka”)	Nº24	Cf. Anexo 4
-----------------	---------------------------------------	-------------	-------------

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Eder Claudio Malta Souza. Elza Guimarães Andrade. Alexandre Borim.		
SUPERVISOR	Tarcísio Rodrigues Botelho.		
PREENCHIDO POR	Eder Claudio Malta Souza. Elza Guimarães Andrade.	DATA	26/09/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Tarcísio Rodrigues Botelho (coordenação). Alexandre Borim (co-coordenação).		